

## CAPÍTULO 14

# ESCÂNDALO



Marie Curie na varanda de seu laboratório.

QUE TORNAVA perigosa a ligação entre Paul Langevin e Marie Curie era o fato de não atender às convenções da Belle Époque. Admitia-se e até se esperava que os homens burgueses tivessem uma amante; mas a amante permanecia nos bastidores, permitindo à esposa ficar do lado do marido, na sociedade educada. Desde que o homem casado fosse discreto e escolhesse esposa e amante que desempenhassem zelosamente seus papéis, ele podia manter um caso com impunidade. O Código Napoleônico, que endossava o privilégio masculino, era indulgente para com o marido, em tais casos<sup>1</sup>.

Mas Marie Curie não era uma amante anônima, uma mulher de origem humilde grata por ser “mantida” por um homem de recursos. Ela era uma mulher que tinha sua própria carreira, seus próprios recursos, suas próprias aspirações. Isto a tornava objeto de inveja e ressentimento, alguém que outras pessoas desejavam atingir e desacreditar. E, como Marie Curie era tão famosa, a ciumenta esposa de Paul Langevin podia ameaçá-la de desmascaramento público, como jamais aconteceria com uma amante comum. Era isso, como notou Perrin, que tornava esse triângulo “singular”. “Madame Curie devia ter evitado completamente envolver-se nisso”<sup>2</sup>, escreveu ele, mais tarde. Foi pelo fato de ser “ilustre” que ela se tornou uma “refém preciosa”.

A vergonha pública era uma ameaça poderosa, na Belle Époque. Se os casos particulares eram, de forma geral, tolerados, um caso que se tornasse do conhecimento público era quase universalmente condenado. “Como os

pecados veniais no confessionalário”, observou Edward Berenson, em *O julgamento de Madame Caillaux*, “as transgressões particulares podiam ser prontamente perdoadas... Mas, quando vinha a público, o pecado se tornava muito mais sério, porque agora era mais difícil minimizá-lo como simples abertura<sup>33</sup>. As mulheres de classe média, em particular, tinham horror à desonra pública, que poderia transformá-las em párias e trazer a vergonha até para suas filhas, que não poderiam mais ser consideradas inocentes.

Marie Curie não estava imune a esses temores de vergonha pública. Escrevendo a Paul sobre seu relacionamento sexual com Jeanne, ela comentou que não seria capaz de suportar, se Jeanne tivesse outro filho, já que isto seria “julgado de forma muito severa por todos aqueles, lamentavelmente já numerosos, que sabem [sobre nós]”. Se isto acontecesse, significaria “uma separação definitiva entre nós... porque posso arriscar minha vida e minha posição por você, mas não poderia aceitar essa desonra diante de mim mesma, de você e de pessoas que estimo”. Acrescentou: “Se sua mulher entendesse isso, usaria esse método imediatamente, e alguém pode sugerir-lo a ela.”

Marie se preocupava com outros métodos que Madame Langevin também poderia empregar. Ela se preocupava com a possibilidade de que mandasse seguir o marido. Preveniu Paul, ao escrever-lhe no verão de 1910, que ele deveria ser “muito cuidadoso ao ir para nossa casa e também ao correio, onde pessoas que você conhece freqüentemente vão”. Preocupava-se com a possibilidade de um dos filhos dele estar sendo usado para espioná-lo, e de que Jeanne o interrogasse em seguida.

Diante dessas preocupações, é espantoso que Paul e Marie guardassem as cartas que haviam trocado numa gaveta do pequeno apartamento dos dois, em Paris. Talvez as tivessem guardado por motivos sentimentais. Talvez, simplesmente, não imaginassem até onde iria Madame Langevin, na perseguição à sua rival. Por volta da Páscoa de 1911, eles descobriram: alguém, aparentemente contratado por Jeanne Langevin, arrombava o apartamento e roubava as cartas<sup>5</sup>. Pouco depois, o cunhado de Jeanne Langevin, Henri Bourgeois, o editor de jornal, fez uma visita a Madame Curie. Informou-lhe que Madame Langevin tinha as cartas e que era iminente um escândalo. Foi o começo de um longo pesadelo, tanto para Paul Langevin quanto para Marie Curie.

Como fazia freqüentemente, em tempos de crise, Marie voltou-se para Jean Perrin. Contou-lhe a respeito das cartas, “que Madame Langevin poderia usar como perigosa munição”. E contou a ele que achava impossível negociar com pessoas que haviam decidido agir por meio de ameaças e chantagem. Sentia-se “esgotada”. Exatamente como acontecera durante as ameaças de assassinato, feitas por Jeanne Langevin no verão anterior, Perrin sugeriu

que Marie saísse da cidade, por algum tempo. Desta vez, ela aceitou o conselho. Émile Borel, o matemático, e sua esposa Marguerite, viajariam durante as férias da Páscoa para Gênova, onde ele participaria de uma conferência científica. Marie aceitou o convite deles para ir junto. Ela poderia assistir à conferência e escapar de Paris, ao mesmo tempo.

Até então, os Borel haviam visto Marie Curie apenas ocasionalmente. Uma ou duas vezes, como lembrou Marguerite Borel, Pierre e Marie haviam comparado, “como duas sombras”, às noites científicas pelas quais os Borel eram famosos. Na ocasião, a jovem anfitriã achara os Curie intimidantes. Houvera encontros ocasionais, desde então, incluindo aquela ocasião, não muito tempo antes, em que Marie aparecera em casa dos Borel vestida de branco, misteriosamente rejuvenescida. Mas nunca, até a viagem à Itália, Émile e Marguerite Borel, e Marie Curie, tinham tido oportunidade de se avaliarem mutuamente, de se conhecerem. Viajando juntos, também com as filhas de Marie, caminhando juntos à beira d’água, partilhando raviólis em seu modesto hotel e planejando excursões de barco, os Borel e Marie Curie travaram uma forte – e decisiva – amizade.

Os Borel eram um casal notável. Émile, filho de um pastor protestante, fora reconhecido como um prodígio, em sua vila natal, e formara-se em primeiro lugar em sua classe na École Normale Supérieure, de elite, em Paris. Na ocasião da viagem para Gênova, ele era vice-diretor da École Normale, posição que, entre outras coisas, conferia residência na escola. Matemático talentoso, também ocupava a cadeira, recentemente criada para ele, de teoria das funções, na Sorbonne. Marguerite, trinta anos mais nova que o marido, nascera na elite científica: seu pai era Paul Appell, matemático e, de longa data, decano da Faculdade de Ciências da Sorbonne. Embora tivesse se casado com apenas dezessete anos, Marguerite era uma mulher energética e uma intelectual com méritos próprios; com o marido, fundou a *Revue du Mois*, que saía mensalmente e publicava ensaios de peso dos maiores pensadores da França. As homenagens a Pierre Curie, tanto de Paul Langevin quanto de Marie Curie, foram publicadas inicialmente na *Revue du Mois*, entre escritos sobre educação, literatura, teatro, ciência e política contemporâneos.

Os Borel não tinham filhos, então todas as suas notáveis energias podiam ser dedicadas às suas animadas atividades sociais, políticas e intelectuais. Além de manter um amplo círculo de amigos na *intelligentsia* de Paris, ambos eram proeminentes escritores. Os escritos e a atividade de Émile Borel refletiam seu interesse pelas questões públicas, tanto quanto pela matemática. No final, ele se tornaria prefeito da pequena cidade onde nascera. Marguerite Borel, usando o pseudônimo Camille Marbo, publicou mais de trinta romances. O mais

importante, do ponto de vista de Marie Curie, era o fato de os Borel serem pessoas fiéis aos seus amigos e também aos seus princípios.

Na Itália, a comitiva Borel/Curie ocupou um hotelzinho à beira da praia, em Santa Margherita Ligure, pagando modestos seis francos por pessoa. Ali, como Marguerite Borel lembrou mais tarde, à sua maneira de romancista, eles logo se tornaram amigos<sup>7</sup>. Irène, inicialmente tímida e arredia, conversa com Émile Borel sobre matemática. Ela “faz perguntas a respeito de tudo, com sua voz tímida e reflexiva”. De manhã, eles caminham juntos pela praia, dão passeios de barco até Portofino, que Madame Curie acha “elegante demais” e Rapallo. Eve “saltita de um lado para outro, quer tentar remar”. De tarde, um carro alugado leva Marie Curie e Émile Borel para a conferência em Gênova.

Depois de dois dias, Marie Curie, que tem o hábito de ir para seu quarto depois do jantar, pede a Marguerite Borel para ir visitá-la. Assim é estabelecida uma rotina noturna vividamente lembrada pela visitante: “Como poderia eu esquecer aquele quarto, aquela cama de ferro trabalhado, com um crucifixo acima, e a mulher recostada falando comigo”. Marguerite se mantém em silêncio, “para não interromper as confidências”, e Marie lhe fala da infelicidade de Paul Langevin. “Descubro, noite após noite, sob a austeridade científica, a mulher terna e animada, capaz de caminhar em cima de fogo por aqueles a quem ama.” Marie tem medo de que Langevin ceda às pressões e “renuncie à pura ciência”, ou mergulhe no desespero. “E ele é um gênio!...”

“Ela agita suas mãos estreitas, agarra as minhas. Marguerite, é preciso salvá-lo de si mesmo. Ele é fraco. Você e eu, nós somos duras. Ele precisa de compreensão, de afeto gentil...”

Enquanto isso, em Paris, a vida no lar dos Langevin ia de mal a pior. Quando as cartas foram roubadas, Paul Langevin saiu de casa e foi para o lar dos Perrin, como protesto, voltando apenas durante o dia. Mas, após duas semanas, ele voltou para casa “por cansaço e por causa das crianças”. Mais uma vez, de acordo com Perrin, “um equilíbrio aproximado foi alcançado”, mas a vida, desta vez, estava ainda mais difícil para Paul Langevin, porque “eles o ameaçavam interminavelmente com a publicação das cartas roubadas”. Quando a filha dos Langevin adoeceu, naquele verão, Jeanne Langevin disse a seu marido que aquilo era apenas o início do seu castigo.

Em 26 de julho, ocorreu afinal uma ruptura. Segundo Jeanne Langevin, seu marido bateu-lhe no rosto, por causa de uma compota malcozida<sup>8</sup>. Segundo Paul, sua esposa atirou-lhe insultos vulgares, na frente das crianças, perturbando-o e também aos filhos. Fosse qual fosse o motivo, quando Jeanne correu para o quarto, Paul deixou a casa, com os dois meninos mais velhos

a reboque, e apareceu, mais uma vez, na soleira dos Perrin. Agora, em vez de voltar para casa, decidiu que levaria os dois meninos em férias de dois meses. Depois de consultar um advogado, certificando-se de que não prejudicaria seu processo, no caso de uma separação e divórcio, Langevin escreveu para seu cunhado, informando-lhe que ia partir com os meninos, e pediu a Perrin que mandasse quinhentos francos para sua mulher.

Paul Langevin explicou, mais tarde, sua repentina partida com os dois meninos, argumentando que planejava, de qualquer jeito, sair de férias com a família, e foi, simplesmente, “um pouco mais rápido”. Mas Jeanne Langevin tinha motivos para se preocupar, quando nada soube do seu marido até o dia seguinte. A partida dele instigou-a a entrar com um processo. Apesar do conselho em contrário do seu advogado, Madame Langevin podia acusar Paul Langevin de “abandonar” seu lar e proibi-lo, pelo menos provisoriamente, de voltar.

A essa altura, Henri Bourgeois, o cunhado maquinador, que causou boa parte dos problemas, escreveu para informar a Jean Perrin que haveria um julgamento. Isto significava, como todos sabiam, que as cartas Curie/Langevin poderiam ser tornadas públicas. “Eles viram nisso”, escreveu depois Perrin, “o meio de fazer [Langevin] ceder, incessantemente, com relação a todas as questões, para não ver Madame Curie desonrada. A odiosa chantagem revoltou-me profundamente.”

Embora Perrin não diga, parece provável que, de fato, tenha sido feita chantagem durante esse período. Em 17 de agosto, Marie Curie emprestou a Paul Langevin dois mil francos, “para pagar um seguro de vida”<sup>10</sup> e, cinco dias depois, emprestou-lhe mais mil. Em outubro, houve outro empréstimo, de dois mil francos, no elevado total de cinco mil francos. Era uma soma considerável; representava, de fato, mais de dez por cento do ganho anual de Marie Curie. Mais tarde, Paul Langevin iria queixar-se de não ter sido pago, por seu cunhado Henri Bourgeois, pelos empréstimos dos quais não havia qualquer registro escrito.

Talvez as somas tenham permitido que ganhassem tempo. Durante oito meses, após o roubo das cartas, Madame Langevin e aqueles que a apoiavam não foram a público com elas. Os filhos de Paul Langevin voltaram para a companhia de sua mãe, em casa, enquanto ele mantinha sua distância, primeiro viajando de férias com os Borel, depois participando de uma conferência científica na Alemanha. Marie Curie, enquanto isso, estava profundamente empenhada em seu trabalho. Em julho, ela viajou para Leiden, na Holanda, para unir-se a Heike Kamerlingh Onnes, em seu laboratório criogênico, estudando o comportamento dos corpos radioativos em temperatu-

ras muito baixas<sup>11</sup>. Ela continuou, como escreveu a Rutherford, a tentar estabelecer a série de desintegração do polônio<sup>12</sup>. Também preparava o primeiro padrão internacional do rádio e planejava seu novo laboratório.

Enquanto isso, observava o desenvolvimento das filhas e registrava seu progresso no caderno de notas. Irène, notou ela, menstruou nesta primavera. “Ela não perde muito [sangue] e quase nada sofre.” No verão, Irène estava mais alta do que sua mãe. “O desenvolvimento físico de Irène é muito rápido”, notou sua mãe. “Ela cresce, torna-se mais forte, até mesmo um tanto barriguda... Precisa de muita atividade.”

Quanto a Eve, com seis anos, além de sua notável habilidade musical, demonstrava uma empatia com os outros que espantava sua mãe. “Eu acabara de repreender Irène, não sei mais por qual motivo, quando Eve explodiu em prantos.”

“Você não gosta quando Irène leva uma bronca?”

“Não.” (Eve chora)

“Gosta dela, mesmo maltratando você?”

“Sim, de qualquer jeito gosto mais assim do que se eu maltratasse ela.”

“Minha menininha, algumas vezes você se sente infeliz?”

“Sim, quando os outros estão sofrendo.” (Expressão de sofrimento em seu rosto.)

“Então, você se preocupa mais com as outras pessoas do que com você mesma?”

“Sim, porque eu mesma gosto mais quando os outros estão mais felizes do que eu.” (O rostinho fica tenso. Eve está prestes a irromper em lágrimas.)

“Claro”, comenta Marie, “que ninguém lhe ensinou a falar dessa maneira”. Mas é surpreendente como a preocupação de Eve com o sofrimento dos outros se equipara ao envolvimento de sua mãe com a infelicidade de Langewin.

O acontecimento significativo daquele verão de 1911 foi a primeira viagem das meninas para a Polónia. Elas foram antes de sua mãe para Zakopane, a vila montanhosa na Polónia austríaca onde os Dluski tinham seu sanatório, e logo foram introduzidas a delícias que Marie lembrava de sua própria infância — colher morangos e amoras, andar a cavalo e ser mimada por parentes. “Tomamos sorvete duas vezes por semana”<sup>13</sup>, informou Irène a sua mãe, em Paris. “Quando você vier para cá, espero que impeça tia Helena de tentar me fazer comer, comer, comer, porque não posso comer tanto.”

Marie estava ansiosa para suas filhas amarem seu país e experimentarem o amor de suas tias e tios, que não pensavam em Marie como uma mulher famosa, mas como uma irmã. Irène, porém, estava com saudades de casa. “Acho doce, como diz você”, escreve Irène, “ser considerada por minhas

tias como a filha da irmã delas, mas acho que M. e Mme. Perrin e M. e Mme. Chavannes me consideram a filha de uma mulher inteligente e simpática e não a filha de um homem e uma mulher famosos”<sup>14</sup>. Quanto à amada terra natal de sua mãe: “Amo a Polónia, os poloneses e a língua polonesa, porque é seu país, são seus compatriotas e sua língua. Mas, quanto a mim, gosto mais da França”<sup>15</sup>.

Existe um toque subjacente de preocupação, na incessante e eloqüente saudade que Irène sente de sua mãe. “Beijo-a de todo o meu coração, em sua bela festa cansada”, ela escreve numa carta para casa, “Talvez faça algum bem”<sup>16</sup>. E, em outra:

Quando vejo o sol ardendo no céu e fazendo belos reflexos na água do riacho, penso que tudo seria mais bonito se uma doce Mé estivesse ali, perto de mim, olhando.

Quando chove, penso que esses momentos, em meu quarto, esperando a luz de um relâmpago, seriam mais doces se você estivesse numa cadeira junto de mim.<sup>17</sup>

Afinal, Mé chegou mesmo e todos partiram em excursões de vários dias pelos montes Cárpatos, em torno de Zakopane. Marie, que ia à frente, com suas botas ferradas e uma mochila às costas, escreveu orgulhosamente, depois, sobre a maneira como Eve, então com seis anos, se mostrou resistente nas montanhas. “Eve muito adorada por todos e muito feliz”<sup>18</sup>, ela anotou. “Ela vai para as montanhas conosco... Suporta bem e caminha bem... Carrega sua bagagem às costas e fica muito feliz com a excursão e o acampamento.”

Naquele outono, as meninas voltaram com uma prima polonesa, a filha de Helena, Hania, que deveria passar um ano em Paris com elas. A escola começou. Marie escreveu em seu caderno de notas que Irène, “apesar de um aspecto de quem não é inteligente, tem um verdadeiro talento para a matemática. Ela também começa a ficar muito interessada nos cálculos”. Então, no final de outubro, as meninas já com seu programa para o ano estabelecido, Marie partiu novamente de Paris, agora para Bruxelas, onde participaria da primeira reunião da Conferência Solvay, que se tornaria um acontecimento regular e importante da física.

As Conferências Solvay surgiram do interesse e entusiasmo pela ciência de um fabricante e químico chamado Ernest Solvay, que fizera fortuna com um novo processo, desenvolvido por ele, para a produção de carbonato de sódio. Pelo químico-físico alemão Walter Nernst, Solvay foi informado das desorientadoras contradições colocadas pelos novos conceitos de *quantum*, de Max Planck e Albert Einstein. Juntos, Nernst e Solvay elaboraram um pla-

no para a realização de uma reunião sobre o assunto. Deveria ser, como escreveu Solvay, “uma troca pessoal de pontos de vista sobre esses problemas, entre os pesquisadores preocupados com eles de forma mais ou menos direta”.

Solvay, que admitia ser “um estranho a essas questões especiais, por causa de... outras atividades”, financiou a Conferência. Participaram, no total, vinte e um cientistas europeus e ingleses, incluindo Einstein, Planck e Rutherford. O grupo francês incluiu Jean Perrin, Henri Poincaré, Marcel Brillouin, Paul Langevin e Marie Curie.

Onze estudos foram apresentados, seguidos por intensos debates. O presidente desta e das Solvays subsequentes, o físico holandês H. A. Lorentz, “precisou de todo seu vasto conhecimento científico, mestria nas línguas e tato incomparável para manter as discussões centralizadas nos temas... e, ainda assim, permitir que os pontos de vista de cada participante ficassem claros”<sup>19</sup>. Einstein, que apresentou o último relatório e harmonizou muita coisa do que ocorreria antes, disse a um colega de Genebra que a conferência fora “extremamente interessante”.

Lorentz é um milagre de inteligência e tato sutil — uma obra de arte viva. Em minha opinião, ele era o mais inteligente de todos os teóricos presentes. Poincaré mostrou-se inteiramente negativo, de forma absoluta, quanto à teoria da relatividade... e demonstrou pouca compreensão da situação. Planck é intratável, a respeito de certas idéias preconcebidas que são, sem a menor dúvida, errôneas...; mas ninguém realmente sabe. A coisa toda seria uma delícia para os diabólicos padres jesuítas.<sup>20</sup>

Marie Curie não apresentou relatório, mas foi uma animada participante das discussões, questionando, conjecturando e acrescentando informações sobre seu próprio trabalho. A certa altura, empenhou-se numa longa discussão com Rutherford sobre a natureza da decadência do raio Beta. Segundo Einstein, ela também participou dos encontros sociais informais que ocorreram entre as reuniões. “Passei muito tempo junto com Jean Perrin, Paul Langevin e Madame Curie”, ele informou, “e estou simplesmente encantado com essas pessoas. A última até me prometeu nos visitar, com suas filhas”<sup>21</sup>. Einstein ficou impressionado com a “veemência” de Marie Curie e com sua “cintilante inteligência”.

Como se verificaria, a Conferência de Solvay seria a última vez, no curso de muitos meses, em que Marie Curie poderia funcionar como cientista. Em 4 de novembro, no dia seguinte ao término da Conferência, um dos diários de maior circulação de Paris, *Le Journal*, publicou uma matéria de pi-

meira página, com uma fotografia de Marie Curie sob a manchete: UMA HISTÓRIA DE AMOR: MADAME CURIE E O PROFESSOR LANGEVIN<sup>22</sup>. O cerco começou. Eis a abertura da matéria:

As chamadas do rádio, que brilham tão misteriosamente... acabaram de provocar um incêndio no coração de um dos cientistas que estudam tão dedicadamente sua ação; e a esposa e filhos deste cientista estão em prantos...

Talvez o fato de Marie Curie e Paul Langevin participarem juntos de uma conferência em outra cidade perturbasse Jeanne Langevin, levando-a à decisão de procurar os jornais. De qualquer jeito, o repórter do *Le Journal*, Fernand Hausser, parece ter conseguido a maior parte de suas informações da parte da mãe de Jeanne Langevin, que lhe forneceu abundantes meias-verdades e insinuações. “Em Fontenay-aux-Roses”, escreve Hausser, “no bonito centro da cidadezinha com jardins encantados, bati na porta da casa habitada, até três meses, por M. Langevin, professor... do *Collège de France*”. Lá, ele encontrou “uma mulher idosa, com uma criança muito pequena no joelho. Era a mãe de Mme. Langevin”. Hausser disse que fora até lá ouvir “a verdade inegável” de que “o professor Langevin deixou seu lar para seguir Mme. Curie”. A mãe de Mme. Langevin olhou-me por um instante e depois, deixando a criança que brincava com ela escorregar para fora do seu colo, disse:

— O quê? Então, já sabem?...

— É verdade, então?

— Não se pode nem imaginar uma coisa dessas, não?... A viúva de Pierre Curie, o grande cientista, que colaborou para a descoberta do rádio, professora na Faculdade de Ciências, e que quase conseguiu entrar para o Instituto de França, a celebrada, a ilustre Mme. Curie, roubou o marido de minha filha, o pai de minhas crianças [seus netos]... M. Langevin foi aluno de Curie. Com a morte do seu mestre, ele se colocou à disposição da viúva... para ajudá-la em seu trabalho; aos poucos, M. Langevin adquiriu o hábito de ficar mais tempo em casa de Madame Curie do que na sua própria; muito depressa — o instinto de uma mulher nunca falha — minha filha suspeitou de alguma coisa e então, um dia, ela soube de tudo. Ah! Que cenas terríveis! Que dias terríveis!... Finalmente, uma manhã, há três meses, M. Langevin foi embora com seus filhos... [O repórter do *Le Journal* conclui a frase.]

— E com Mme. Curie.

A sogra responde: não sei; mas uma coisa é certa, no mesmo momento em que ele saiu de casa, ela também deixou Paris.

O motivo que levou sua filha à presença do juiz, ela explica, foi o desejo de, “pelo menos, encontrar seus filhos”. Eles “não sabem” onde Langevin se encontra atualmente, alega ela, mas sua filha não quer iniciar uma ação de divórcio porque ainda tem esperanças de que seu marido volte. “Você entende que, quando a pessoa tem filhos – seis filhos – hesita em fazer o irreparável.”

O repórter guardou a informação mais chocante para o fim:

Comenta-se que a senhora tem guardadas algumas cartas de Madalme Curie.

– Ah! Também dizem isso; pois bem, sim, temos essas cartas, e consistentem a prova do que suspeitávamos...

Essa revelação é seguida por uma troca de chocadas exclamações. Depois, “como se fosse para encerrar essa dolorosa conversa”, a mãe de Madame Langevin mostra um retrato de Marie Curie. “Ai está a grande cientista, com a cabeça cheia de idéias, apoiada em sua mão.” Fernand Hauser termina sua matéria de forma tão dramática quanto a iniciou: “Eu gostaria de saber o que Madame Curie e M. Langevin dizem dessa triste história; gostaria de ouvi-los gritar para mim: ‘Eles estão errados, eles abusam de nós, não há uma só palavra verdadeira no que lhe disseram’. Mas Mme. Curie não pode ser contradida e ninguém sabe onde procurar M. Langevin.”

Os que eram íntimos das partes envolvidas nessa briga devem ter percebido imediatamente que teia de mentiras tecera o repórter do *Le Journal*, com a ajuda da sogra de Paul Langevin. Difícilmente se poderia considerar Jeanne Langevin uma vítima inocente, tampouco seu marido fora “roubado” por Marie Curie. Havia quatro e não seis filhos, e os dois meninos que Langevin levava para a Inglaterra, em agosto, há muito tempo haviam voltado para casa, para a companhia de sua mãe. Tampouco havia qualquer mistério quanto ao paradeiro de Paul Langevin e Marie Curie: qualquer pessoa que trabalhasse com eles saberia que estavam em Bruxelas.

Havia tanta maldade na matéria que foi fácil para Marie Curie emitir uma negativa imediata, que apareceu em *Le Temps* no dia seguinte. “Eu gostaria apenas de dizer”, declarou ela ao jornal, “que fui para Bruxelas... juntamente com vinte cientistas franceses e estrangeiros, para uma reunião científica da maior importância”<sup>23</sup>. Suspeitando o que outros poderiam comentar sobre o fato de ela estar com Langevin em Bruxelas, ela prosseguiu dizendo que a reunião “exigiu grande dispêndio de esforços e absor-

veu completamente o tempo de todos os cientistas que dela participaram, a ponto de... meus colegas me perguntarem, freqüentemente, se eu não me sentia cansada”. Como prova de que o local onde se encontrava era bem conhecido, ela comentou que havia entrado em contato com seu laboratório, pedindo gráficos e filmes. “Assim eles sabiam, em Paris, onde eu estava.” A matéria é “pura loucura”.

Colegas em Paris verificaram que Marie Curie e Paul Langevin, longe de terem fugido juntos, haviam passado o verão a muitos quilômetros de distância um do outro. Langevin estava na Inglaterra, depois hospedou-se com os Borrel em Aveyron e, em seguida, compareceu a um encontro em Karlsruhe, Alemanha. E, todo esse tempo, “Mme. Curie não parou de trabalhar em seu laboratório, na rue Cuvier”<sup>24</sup>, informou *Le Temps*. “Seus colaboradores a viram ali todos os dias, mesmo à noite, depois do jantar, bem como nos domingos. Ela fazia sua refeição do meio-dia ali, quase sempre.” Depois, no final de agosto, ela partiu para se juntar às suas filhas e à sua família na Polônia, voltando apenas durante um curto período, antes da Conferência Solvay. *Le Temps* concluiu que toda a história era “pura invenção”.

Mas, para a desenfreada imprensa francesa e para seus leitores, a história de um amor ilícito na Sorbonne era simplesmente boa demais para que a esquecessem. Os leitores de jornais parisienses tinham um apetite insaciável por histórias de adultério e traição, poder, ciúme e vingança. Nenhum jornal estava completo sem seu romance em série, o *feuilleton*. Mesmo o sério *Le Temps* publicava um *feuilleton* sob a dobra. E, se os fatos iniciavam a ficção, tanto melhor.

No dia seguinte à publicação, em *Le Journal*, da entrevista da sogra ofendida, *Le Petit Journal* veio com uma matéria de primeira página, com a manchete: UM ROMANCE NUM LABORATÓRIO: O CASO DE MME. CURIE E M. LANGEVIN<sup>25</sup>. Junto com a matéria, havia uma fotografia de Marie Curie entre seus tubos de ensaios. Conservador e anti-semita, *Le Petit Journal* perdera boa parte dos seus leitores por causa de sua virulenta campanha anti-Dreyfus. Mas era ainda, junto com *Le Journal*, um dos quatro jornais de maior tiragem em Paris. E, mais importante, no caso da história Curie-Langevin, contava entre seus editores com Henri Bourgeois, o cunhado de Madame Langevin. E, embora os jornais em geral evitassem publicar cartas particulares, o conhecimento que Bourgeois tinha das cartas, e sua posse, dava-lhe poder e permitia-lhe marcar o compasso do drama.

A matéria não assinada, publicada na primeira página de *Le Petit Journal* em 5 de novembro, começava assumindo uma posição de superioridade com relação ao caso Curie-Langevin. “Sabíamos a respeito, há vários meses”,

admite quem escreve: “Continuaríamos a manter o segredo, se ontem não se espalhasse o rumor de que os dois protagonistas dessa história haviam fugido, um abandonando sua casa, esposa e filhos, e a outra renunciando a seus livros, seu laboratório e à sua glória.” Isto, admite *Le Petit Journal*, não é verdade. Mas a ligação e a ação legal resultante, requerendo “separação física”, são confirmados por Madame Langevin. Ela também declara ter “provas da traição de seu marido”.

O resto da matéria consiste numa longa entrevista com Madame Langevin, que foi procurada por *Le Petit Journal* em seu lar, em Fontenay-aux-Roses. “Encontramos uma mulher em prantos”, informou o jornal, “aterrorizada com a agitação que sua infelicidade conjugal está provocando...” Madame Langevin, exibindo a modéstia esperada do seu sexo, explicou ainda quanto lhe desagradava toda a publicidade. “Tampouco teria perseguido seu marido nos tribunais, se fosse apenas uma questão de um caso com outra mulher: “Sempre esperei trazê-lo de volta para mim”. Se não fosse a fuga de Langevin com seus dois filhos, depois de uma discussão, ela jamais agiria. “Se eu fosse a mulher que estão tentando fazer de mim, em certos círculos – uma louca, estupidamente ciumenta – eu teria... gritado a traição do meu marido e daquela que destruiu meu lar. Mantive silêncio porque era meu dever, como mãe e esposa, esconder as falhas daquele cujo nome uso. Fiquei aguardando, então, sempre com a esperança de uma reconciliação, a volta do meu marido à razão.”

Então, em 26 de julho, ela e o marido discutiram e ele foi embora com os dois meninos. “Podem entender minha ansiedade, minha comoção, minha dor de mãe, quando soube que meus filhos tinham sido levados. Apenas no dia seguinte, por meio de uma carta recebida por meu cunhado, meu marido me deixou saber, indiretamente, que fora para o exterior, levando meus filhos. Alguns dias depois, soube também, por um intermediário... que sua correspondência deveria ser-lhe dirigida para a Inglaterra.” Embora “suportasse o martírio”, por causa de seus filhos, Madame Langevin não pôde mais agüentar, quando “eles foram tirados de mim”. Foi apenas isto que a levou a iniciar a ação legal. Quanto ao escândalo público, nada tinha a ver com ele.

A matéria terminava com um toque de cortar o coração: “Enquanto essa pobre e infeliz mulher, cujo coração está devastado por infelicidade inerecida, expressava-se dessa forma, sua filhinha menor, um bebê adorável, pressionava-se com força contra ela e balbuciava: ‘Não chore, *maman*, *petit père* volta!’”

Finalmente, essa história – a saga da mãe em prantos, defendendo desesperadamente seu lar, mortificada pela atenção pública, desejando perdoar e esquecer, processando apenas por causa dos seus filhinhos – tornou-se a

base para uma campanha contra Marie Curie. Embora patentemente falsa, para aqueles que conheciam a situação real, estava perfeitamente construída para ganhar a simpatia do público francês. Madame Langevin, nesta versão, era tudo que deveria ser uma mulher francesa: apaixonada, indulgente com os namoricos do marido, ferozmente protetora dos seus filhos, porém jamais egoísta ou agressiva. Ela não era o tipo de mulher, neste “roteiro”, capaz de procurar, algum dia, os jornais; consultara um advogado não por sua própria causa, mas por causa dos seus filhos.

O retrato era tão notável pelo que deixava de fora quanto por aquilo que incluía. O fato de que o cunhado e aliado de Madame Langevin era um editor do *Le Petit Journal* jamais foi mencionado. Tampouco houve uma insinuação, sequer, de que Madame Langevin poderia estar procurando um acordo financeiro com seu marido – fato que a faria parecer calculista e “pouco feminina”. Quanto à mulher rival, ela era retratada como alguém cujos únicos interesses eram projetos “masculinos”: “livros, laboratório, glória”. O fato de que ela também era mãe de filhos pequenos nunca foi mencionado, neste relato ou em qualquer outro.

Durante os primeiros dias após a interrupção da história, os jornais que, no final, iriam voltar-se contra Marie Curie, não tinham certeza quanto em quem acreditar. *L'Intransigeant* informou que as pessoas em Fontenay “diziam em surdina que a única intenção de Madame Langevin, quando falou, havia sido a de criar problemas para Madame Curie, depois que ela se candidatou ao Instituto”<sup>26</sup>. Quanto às cartas, “sabemos que M. Langevin... deixou todas as suas cartas caírem nas mãos de sua esposa, inclusive as de Madame Curie. Pode-se supor, portanto, que dificilmente serão comprometedoras”<sup>27</sup>.

Em 8 de novembro, no quarto dia depois da matéria inicial de *Le Journal*, uma declaração incisiva de Madame Curie, acompanhada de uma retatuação do repórter do *Le Journal*, Fernand Hauser, provocou dúvidas maiores quanto à história. Marie Curie, que tivera tempo de voltar para casa, vinda de Bruxelas, e de procurar um advogado para se aconselhar, enviou uma carta a *Le Temps*.

Considero abominável toda a intrusão da imprensa e do público em minha vida privada. Esta intrusão é particularmente criminoso quando envolve pessoas que, manifestamente, consagraram suas vidas a preocupações de ordem elevada e de utilidade geral.

...A louca extravagância das declarações sobre meu alegado desaparecimento com M. Langevin me obriga a reivindicar as mais cate-

gônicas reservas quanto à exatidão ou autenticidade de tudo aquilo que alguém poderia ser capaz de me atribuir.

Não há nada em minhas ações que me obrigue a me sentir diminuída. Não acrescentarei nada. Qualquer que seja o sofrimento a mim causado, recuso-me a empenhar-me agora em processos, por causa das retratações e pedidos formais de desculpas que me foram dirigidos. Mas, deste momento em diante, acompanharei com rigor a publicação de escritos a mim atribuídos ou de alegações tendenciosas a meu respeito. Como tenho direitos, reclamarei reparações e exigirei consideráveis somas, a serem empregadas em favor da ciência.<sup>28</sup>

Provavelmente, mesmo sendo esta carta assinada “M. Curie”, ela foi escrita com a ajuda de amigos e talvez de Alexandre Millerand, advogado e ex-ministro de gabinete socialista, que concordou em representá-la<sup>29</sup>. Mais tarde, os atacantes de Marie Curie a acusariam de mentir sobre seu relacionamento com Paul Langevin, mas uma leitura mais atenta revela que ela não nega a ligação. Apenas diz aquilo em que claramente acreditava: que nada fez que a diminuísse. O tom altivo da carta, pelo qual ela também foi censurada, visava a intimidar e envergonhar seus perseguidores. Mas, na maior parte, não obteve êxito.

A única exceção foi Fernand Hauser, autor da matéria inicial em *Le Journal*. Vinte e quatro horas depois de seu aparecimento, ele mudou completamente de posição e se desculpou publicamente, em termos abjeitos. “Estou desesperado”, escreveu Hauser, numa carta dirigida a Marie Curie, “e venho apresentar-lhe minhas mais humildes desculpas. Acreditando em informações confirmadas, escrevi a matéria que a senhora conhece: estava errado; ... e não posso entender, agora, como a febre de minha profissão pôde conduzir-me a um ato tão detestável!”<sup>30</sup>

Estou sendo cruelmente punido, Madame, pelas torturas que suportou e com o pensamento do mal que lhe causei. Só me resta um consolo, é o de que o humilde jornalista que sou não será capaz... de empanar a glória que a rodeia nem o respeito que a cerca. Jamais outra vez, Madame, escreverei uma só palavra, assinada ou não, sobre este triste caso... Curvando-me respeitosamente diante da senhora, autorizo-a, Madame, a fazer qualquer uso que precisar desta carta, especialmente publicá-la. Seu muito afilto, F. Hauser.

Qualquer pessoa que lesse as desculpas extremas de Hauser pensaria que ele corria o risco de ser processado por calúnia. Mas, na França, um

processo desses quase não teria chance de sucesso. Louis Depouilly, um primo do lado dos Curie que escreveu para Marie a fim de manifestar sua simpatia, lamentou que “a vida particular não esteja protegida por nada, em nossa estúpida República: na Inglaterra, ninguém ousaria montar uma campanha dessas, porque os tribunais cobrariam altas somas, como reparação dos danos”<sup>31</sup>. Depouilly tinha razão. O sistema legal francês quase não impunha restrições ao conteúdo dos jornais. Os editores e columnistas da imprensa popular sentiam-se livres para se empenharem em polémicas “cuja violência nos choca hoje”<sup>32</sup>, sem medo de uma ação legal. Os processos por calúnia e difamação eram muito raros, e os bem-sucedidos, mais raros ainda. “Em nome da liberdade, era tolerado o abuso.”<sup>33</sup> De fato, não é muito exagero dizer que a única maneira de silenciar a imprensa francesa era suborná-la<sup>34</sup>.

Apesar da escassez de remédios legais, a carta de Marie Curie e a desculpa de Fernand Hauser, que foram amplamente republicadas, juntamente com a pressão silenciosa exercida pelos aliados de Marie Curie sobre pessoas influentes, bastaram para manter a história fora de todos os jornais, dali em diante, com exceção dos mais radicalmente direitistas. Mas a ausência da matéria não significava que aqueles jornais haviam esquecido. O que aconteceu em seguida demonstrou que Marie Curie, uma vez manchada, permanecia suspeita, no que dizia respeito aos jornais “respeitáveis”.

Em 7 de novembro, por uma estranha coincidência, a Reuters emitiu um telegrama noticiando que Marie Curie acabara de receber o Prêmio Nobel de Química de 1911. A decisão, em 1903, de conceder a Bequerel e aos Curie o prêmio de física, pela descoberta da radioatividade, deixara aberta a possibilidade da concessão de outro prêmio de química, pela descoberta dos elementos radioativos. E nos oito anos intermediários, as implicações significativas dessas descobertas se haviam tornado muito mais claras. Além disso, Marie Curie realizara feitos em química, desde o último prêmio. Em 1907, como apontou a Comissão de Química do Nobel, ela obtivera uma amostra suficientemente pura de rádio para tornar público seu peso atômico – um peso subseqüentemente confirmado por outros pesquisadores<sup>35</sup>. E, em 1910, ela conseguira obter rádio em estado metálico<sup>36</sup>.

O informe também observava que a “descoberta”<sup>37</sup> feita pelos Curie em 1899, da radioatividade induzida, havia sido um “ponto de partida” tanto para o estudo que Rutherford e outros realizaram em torno das emanações como da “teoria da desintegração, atualmente aceita por todos”. E, além disso, apontou a comissão, havia agora a possibilidade de que o rádio pudesse ser usado no tratamento do câncer. Tudo isso significava que o rádio era algo “muito maior do que a descoberta de outros elementos”<sup>38</sup>. De fato, ele levava

ao estabelecimento de “um ramo especial da ciência”<sup>39</sup>. Por esses motivos, a comissão insistiu com a Academia de Ciências da Suécia para dar o passo sem precedentes de conceder um segundo Prêmio Nobel à mesma pessoa. Afinal, dizia ainda o informe, “é a trabalhar, e não a pessoas” que se concede o prêmio. A observação tornou-se mais irônica à medida que os acontecimentos se desdobravam.

A sugestão de escândalo preocupava a Academia, que pediu ao embaixador sueco na França, August Gyldenstolpe, para examiná-la. Em 5 de novembro, no dia seguinte à publicação da matéria por *Le Journal*, ele telegrafou para a Academia: “A dita senhora e professor que foram entrevistados protestam ambos contra a informação [do jornal]. Parece que estiveram juntos numa reunião científica, em Bruxelas”<sup>40</sup>. Dois dias depois, em 7 de novembro, ele tornou a telegrafar, duas vezes, relatando “novos protestos e explicações de destacados cientistas” e “novas negativas e protestos de fontes dignas de crédito”, nos jornais. Isto foi o suficiente para convencer o secretário da Academia de Ciências da Suécia, Carl Aurivillius, a prosseguir com a votação. No mesmo dia, em sessão plenária, a Academia de Ciências da Suécia votou favoravelmente à concessão do prêmio a Marie Curie.

A imprensa francesa, porém, não estava tão disposta a perdoar quanto a Academia de Ciências da Suécia. Os mesmos jornais que tanto haviam engrandecido o Prêmio Nobel ganho pelos Curie em 1903 receberam a notícia deste com o silêncio, ou com matérias mínimas, nas páginas internas. Embora a Reuters transmitisse a notícia em 7 de novembro, *Le Temps*, relativamente simpático, esperou até o dia 9 para mencioná-la num breve comunicado, perdido na página quatro: “Madame Curie, muito exausta pelos cruéis incidentes que todos conhecem... recebeu calorosos parabéns de seus admiradores em Estocolmo e Paris”<sup>41</sup>, noticiou *Le Temps*, deixando implícito que nem todos podiam ser considerados seus admiradores. Seis dias depois, *Le Temps* publicou um artigo na primeira página, com o título “O Prêmio Nobel”<sup>42</sup>, inteiramente dedicado a Maurice Maeterlinck, o ganhador do Nobel de Literatura naquele ano; não houve uma única menção à vencedora em química. Marie Curie recebia o tratamento do silêncio.

Felizmente, muitos amigos e colegas de Marie Curie foram tão rápidos em apoiá-la quanto os jornais em excluí-la. Jean Perrin, Henri Poincaré e Émile Borel escreveram cartas para o editor a favor dela, censurando a campanha jornalística. Albert Einstein escreveu para seu amigo Heinrich Zangger, poucos dias depois, dizendo que “o *thriller* que os jornais estão espalhando é uma tolice. O fato de Languevin querer o divórcio já era sabido há algum tempo... Também não acredito que Madame Curie seja dominadora,

ou tenha qualquer outra dessas características negativas. É uma pessoa franca e honesta, cujos deveres e encargos são simplesmente excessivos para ela”<sup>43</sup>.

Na opinião de Einstein, Marie Curie era pouco convincente como *femme fatale*. “Ela não é suficientemente atraente para se tornar perigosa para qualquer um”, ele declarou. Tampouco acreditava que houvesse algo “especial” entre Languevin e Marie Curie; eles, simplesmente, “gostavam de estar juntos, de forma inofensiva”. Mas fica-se com a impressão de que ele não os condenaria, em qualquer hipótese.

Quando os ataques públicos aumentaram, Einstein escreveu para Marie Curie dizendo: que estava “tão encolerizado com a maneira como a ralé ousa reagir à senhora que tive absoluta necessidade de dar vazão a esses sentimentos”<sup>44</sup>.

Estou convencido, porém, de que a senhora despreza a ralé, fingiam eles reverência ou busquem, por seu intermédio, satisfazer sua ânsia de excitação.

Sinto necessidade de lhe dizer quanto passei a admirar seu espírito, sua energia e sua honestidade. Considero-me feliz por tê-la conhecido pessoalmente, em Bruxelas... Sempre estarei satisfeito por ter entre nós pessoas como a senhora – e também como Languevin – seres humanos autênticos, em cuja companhia podemos alegrar-nos. Se a ralé continua a se ocupar com a senhora, pare, simplesmente, de ler essas sandices. Deixe-as para as vboras a que se destinam.

Cordiais cumprimentos para a senhora, Languevin e Perrin.

A. Einstein

Ernest Rutherford ficou imediatamente preocupado com seu “velho amigo” Languevin, e também com Madame Curie, ao saber do artigo do *Journal*. Marie Curie escreveu-lhe, cheia de gratidão, antes de partir de Bruxelas. “Sei que falou outra vez de mim, ontem, em termos simpáticos, e quero agradecer-lhe por isso.”<sup>45</sup> A seu amigo Bertram Boltwood, ele escreveu que estava “certo de que tudo não passava de fantasia; mas deve ser uma situação bem desagradável para ambos”<sup>46</sup>. Quando ela ganhou o Prêmio Nobel, ele pareceu autenticamente satisfeito<sup>47</sup> e escreveu-lhe para dizer-lhe isso. E pediu a Perrin que o mantivesse informado dos desdobramentos do caso Languevin-Curie<sup>48</sup>.

Muitos outros amigos e colegas escreveram para manifestar simpatia e indignação, em estilos que iam desde aquele que foi empregado pela bai-

larina Loie Fuller: “Eu te amo, tomo suas mãos nas minhas e te amo. Não preste nenhuma atenção às mentiras, *c’est la vie*”<sup>49</sup>, até manifestações mais formais de “repulsa e indignação”<sup>50</sup>. “Que a vibrante solidariedade de seus amigos”, escreveu Pierre Weiss, “e o profundo respeito daqueles que conhecem a senhora apenas à distância tragam-lhe algum conforto”<sup>51</sup>. Outros escreveram parabenizando-a pela conquista do Prêmio Nobel, como se este fosse uma espécie de vingança. Émile Picard, que participou da batalha do Instituto, escreveu que o prêmio fora uma “justa recompensa pela admirável série de trabalhos que a senhora realizou recentemente sobre o isolamento do rádio. Se a senhora não foi poupada de momentos terríveis neste ano, a estima daqueles que a conhecem certamente lhe servirá de consolo”<sup>52</sup>.

De todas as cartas que Marie Curie recebeu, a mais indignada veio de Jacques Curie, que escreveu logo após a publicação do artigo do *Journal* e continuou escrevendo para manifestar seu sincero e inabalável apoio. “Que matéria, essa no *Journal!*”, escreveu ele, “que ralé, que porcos, que porcos inundados!”<sup>53</sup>

Será que não se tem o direito de processar os jornais por danos... quando tentam difamar a pessoa e se intrrometer em questões partculares, com as quais nada têm a ver?? Isto deve tê-la perturbado um bocadinho, essa história, e também a Languevin – a realidade, do ponto de vista do dito Languevin, é que ele deveria ter deixado sua mulher há vários anos – ela é uma praga e foi profundamente prejudicial a ele, durante toda a sua existência, desde seu casamento.

Quando sugeriram a Jacques que ele escrevesse para um jornal, manifestando seu apoio, ele enviou uma homenagem que, sem dúvida, animou Marie:

Ao Editor:

Morando nas províncias, soube com certa surpresa que algumas pessoas ficaram espantadas com meu silêncio, em referência ao odioso ataque contra minha cunhada, e que usaram isso para negar o afeto que sinto por ela e que sempre sentimos por ela, em minha família...

Nem é preciso dizer em que medida os ignóbeis artigos escritos contra ela provocaram minha indignação: este é o sentimento unânime de todas as pessoas honestas, e as cartas dos Srs. Poincaré, Borel e Perrin manifestam exatamente a opinião que todos temos a esse respeito... Em nome da família Curie, pode ser útil dizer que minha cunhada sempre foi, em sua vida particular, tão perfeita e notável quanto se distinguia, tanto do ponto de vista científico como de forma geral.

Ela foi a felicidade do meu irmão, durante os dez ou onze anos de seu casamento, até a morte dele. É impossível imaginar duas naturezas que se entendessem mais.

Ela foi a felicidade do meu pai, durante os últimos anos de sua vida, que ele passou sozinho com ela e com suas filhas. A afeição que sentiam um pelo outro era real e completa.

Quanto a mim, a ligação que sinto com ela é tão profunda como sentiria com uma verdadeira irmã. Creio que posso dizer que temos plena confiança um no outro, do fundo dos nossos corações, e que nada, no futuro, nos separará jamais.<sup>54</sup>

Jacques deixou implícito, e mais tarde demonstrou, que apoiaria Marie Curie mesmo no caso de se verificar que ela e Languevin eram amantes. Todos os mais próximos dela – alguns dos quais já estavam a par do caso – sentiam a mesma coisa. Mas Marie Curie e seus amigos íntimos sabiam que outros, incluindo colegas da Sorbonne, a deixariam, caso se tornassem públicas as cartas confirmando a ligação. Como os menos responsáveis entre os jornais de Paris continuavam a falar da história, a grande preocupação era de que um deles desatasse as convenções e publicasse a correspondência.

O *Le Petit Journal*, de Henri Bourgeois, parecia fazer exatamente tal ameaça quando citou, em 6 de novembro, uma declaração de Jeanne Languevin na qual ela dizia poder, “ao publicar uma única carta dentre as que possuio, reduzir seu plano [desomrar-me] a nada. Não havia desejado fazer isso até o momento, e ainda não quero fazê-lo”<sup>55</sup>. A reportagem terminava de forma sinistra: “Soubemos por outras fontes que algo muito grave está para ocorrer, algo que esclarecerá muitas coisas sobre este turbulento caso”.

Pode ter sido essa advertência, ou outra parecida, que fez Jean Perrin e Émile Borel marcarem um encontro com o poderoso e popular chefe de polícia Louis Lépine<sup>56</sup>. Perrin, mais tarde, declarou que desejava falar com Lépine sobre as ameaças de assassinato de Jeanne Languevin. Mas, mesmo que essa fosse sua intenção, o chefe de polícia tinha outras intenções. Já conversara com Jeanne Languevin e seus aliados e informou Perrin e Borel que “um imenso escândalo vai explodir”, se Languevin não abrir mão incondicionalmente da custódia das crianças e se não concordar em pagar à sua esposa mil francos por mês, para sua manutenção.

Perrin ergueu-se, indignado, declarando que “filhos não deveriam ser transformados em mercadorias de uma feira”. Ele achava errado que “estivessem tentando tirar completamente os filhos de um homem que, tendo casado com uma moça sem recursos, trabalhara incessantemente e até o ponto

de exaustão (de uma maneira prejudicial para sua pesquisa científica) a fim de dar a seus filhos (e à sua mulher) não apenas as necessidades básicas, mas também os luxos...”

Borel, mais calmo do que Perrin, pediu a Lépine um segundo encontro, para o qual pudesse trazer a resposta de Langevin. Borel então discutiu a oferta de Lépine com Langevin e com Marie Curie, cujos interesses também estavam em jogo. Segundo Perrin, Marie Curie “deixou Langevin inteiramente livre para tomar uma decisão que, embora favorável aos filhos de Langevin, era imensamente perigosa para Mme. Curie (e suas filhas)”. No dia seguinte, Borel encontrou-se outra vez com Lépine, na presença, desta vez, de Henri Bourgeois. Ele lhes disse que Paul Langevin não aceitaria os termos.

Como Perrin temia, essa recusa provocou uma retaliação mais diretamente prejudicial para Marie Curie do que qualquer coisa ocorrida antes. Jeanne Langevin acusou seu marido de “ter relações com uma concubina na residência marital”<sup>57</sup> – uma acusação que seria levada a tribunal criminal. Isto significava que Marie Curie seria envolvida num julgamento público e, com toda probabilidade, as cartas apareceriam. “Testemunhei a emoção que isso... produziu em Madame Curie”, escreveu Perrin, mais tarde, “uma emoção tão forte que tememos por sua vida”.

O advogado dela, Alexandre Millerand, tentou tranquilizá-la, insistindo que o julgamento “desonraria aqueles que o iniciaram e não os que fossem seu objeto”, e que, de qualquer maneira, “um resultado favorável seria sem dúvida alcançado”; que Madame Curie não precisaria assistir a ele e poderia ir, com confiança, receber o Prêmio Nobel na Suécia, embora a data marcada para o julgamento coincidissem com a da cerimônia do Nobel.

O efeito das acusações de Jeanne Langevin, porém, fez-se sentir mesmo antes do julgamento. Ao esboçar a acusação contra o marido e a “concubina”, o advogado de Jeanne Langevin elaborou um documento que citava extensamente as cartas Langevin-Curie. E parece ter sido esse documento que circulou entre membros da imprensa, em meados de novembro. Muito pouco tempo depois, *L'Action Française* partiu para um ataque em suas primeiras páginas.

Léon Daudet, o rixento editor de *L'Action*, estivera disposto desde o início a acreditar nos boatos. Dois dias após a publicação da matéria do *Journal*, ele escreveu um ensaio de primeira página intitulado “Ciência e virtude”, no qual combatia a idéia de que os cientistas estão acima do desejo carnal<sup>58</sup>. “O choque e a indignação de certas pessoas com a idéia de que um celebrado laboratório pudesse abrigar uma história de amor – verdadeira ou não – é uma coisa muito divertida”, escreveu Daudet, ex-estudante de medicina da

Sorbonne e um libertino. “Encontramos aqui, de forma concreta, uma das superstições mais acalentadas numa democracia... Ciência (com C maiúsculo) confere virtude.”

Nada é mais estúpido, nada mais falso. Consultando minhas lembranças, que são numerosas e precisas, percebo que... as crises amorosas são extremamente frequentes entre cientistas homens e mulheres. Isto é compreensível. Os estudos penosos e os ardores da física, química, história natural, matemática e medicina tiram a paixão da juventude, sobretudo entre as mulheres... Depois, quando a cientista mulher passa dos trinta – e, no caso dos cientistas homens, dos quarenta – a natureza reclama seus direitos com mais impetuosidade ainda, já que foi contida durante tanto tempo.

Depois disso, muito pouco foi escrito sobre o caso no *L'Action Française*, durante dez dias. Depois, em seguida à circulação secreta das cartas, o jornal começou a publicar ataques diários a Marie Curie na primeira página, sob o cabeçalho PARA UMA MAE (*POUR UNE MÈRE*). Os artigos, muitos dos quais eram escritos pelo lugar-tenente de Daudet, Maurice Pujol, davam muitas voltas para estabelecer uma teoria conspiratória, envolvendo poderosas figuras do governo e da universidade. Havia Jean Dupuy, senador e ex-ministro, que tentara silenciar os jornais, em seu papel de presidente do sindicato de imprensa parisiense. Havia o advogado Raymond Poincaré, primo de Henri Poincaré e futuro presidente da França, que representava os interesses conflitantes tanto de Paul Langevin quanto do sindicato. O chefe de polícia Louis Lépine, segundo essa teoria, estava também tentando enterrar provas, com a ajuda do professor Émile Borel, que usava sua influência na universidade para tentar recuperar as cartas. Como acontece com todas as teorias de conspiração, havia suficiente verdade nesta para despertar suspeitas: os amigos poderosos de Marie Curie usaram sua influência para manter a história fora dos jornais, embora de maneira não exatamente combinada.

*L'Action Française* não seria detido por advogados e burocratas poderosos. O único motivo para hesitar era o de que a história se referia a uma mulher.

Embora essa mulher não seja da nossa raça, embora seja uma funcionária pública... e mesmo tendo desejado, seja como for, beneficiar-se das prerrogativas dos homens – estávamos inteira e naturalmente dispostos a lhe oferecer também as imunidades do seu sexo. E as ofereceríamos indefinidamente, se um interesse da mesma ordem, mas muito mais sagrado, não entrasse em jogo... Não existe uma mulher apenas, neste caso, mas duas, e a segunda é infinitamente mais

digna do que a primeira. Mas, se a primeira teme por sua reputação, que arriscou espantosamente, a segunda, a mulher irrepresentável, a mãe de família cujo lar está sendo destruído, pode temer, se ficarmos em silêncio,... que seus filhos, sua suprema consolação, lhe sejam tirados... Se não podemos ficar em silêncio... se desobedecemos portanto às instruções dos Srs. Dupuy e Poincaré, é porque a força do escândalo tornou-se a única graça salvadora para a mãe.<sup>59</sup>

De fato, os interesses da “mãe” são tão importantes que *L’Action Française* talvez não seja capaz de “guardar para nós mesmos os documentos que temos... Se formos forçados, será preciso publicá-los”.

Pujo terminava sua longa diatribe com a questão mais ampla que os ideólogos de *L’Action* jamais deixavam de enfatizar: a fonte de todo esse mal eram os dreyfustistas imorais. Entre aqueles que desempenharam “um papel odioso”, estavam Perrin, Borel e Paul Painlevé, bem como outros professores do Collège de France, da Sorbonne e da École Normale Supérieure. “Na verdade, esses intelectuais são quase todos velhos conhecidos, do Caso Dreyfus.” Eles são advogados “das morais ibseniana e dreyfustista, preferindo a anarquia à ordem, e neste caso atacaram a família”. A Moral deles é a “moral oficial da República... Não é a Ciência, é a Moral que eles querem salvar, impondo silêncio... enquanto privam uma mulher honesta dos seus filhos”.

No dia seguinte, *L’Intransigeant* seguiu na linha de seu colega mais ultrajante e publicou uma matéria de primeira página intitulada UM NOVO CASO<sup>60</sup>. *L’Intransigeant* fora cético quanto às primeiras reportagens e até citara vizinhos que culpavam Madame Langevin. Mas, agora, a causa de Madame Langevin assumira um significado simbólico que tornava “impossível para a imprensa independente manter-se silenciosa”. *L’Intransigeant* “respeitará a vida privada” (isto é, não publicará as cartas), mas não se deixará intimidar pela panelinha da Sorbonne. “As ameaças deles são, na verdade, em vão.” Que a França “perderá um gênio, que partirá para viver em outras terras”, isto não passa de um blefe, pois todos sabem que o trabalho científico de Marie Curie é “superestimado”.

Do outro lado está uma mãe, uma mãe francesa que... só quer manter seus filhos... É com essa mãe, e não com a estrangeira, que o público simpatiza... Essa mãe quer seus filhos. Ela tem alguma mudança. Tem algum apoio. Tem a seu lado, acima de tudo, a eterna força da verdade. Triunfará.

Daí em diante, *L’Action Française* e *L’Intransigeant* mantiveram uma barragem diária, algumas vezes citando um ao outro e com frequência fazendo-

se eco, mutuamente. “Presunçosos pedantes, coligados com os poderes republicanos”, estão tentando amordaçar uma “simples mãe de família”, tratada como pouco inteligente “porque não é uma *doctoresse*”<sup>61</sup>. O poderoso *establishment* da Sorbonne forçou a infeliz Madame Langevin a levar sua causa para os tribunais e para a imprensa. “Que recurso restava a Mme. L...”, em sua luta contra as duas formidáveis pressões externas que interferiam abusivamente em seus negócios particulares: a da Universidade e a do Governo?... Não lhe restava nada, a não ser recorrer à influência da imprensa sobre... a opinião pública esclarecida”<sup>62</sup>. A francesa tem “apenas uma peça de munição para se fazer ouvir, algumas cartas que encontrou em abril passado, que sempre se negou a tornar públicas e usa apenas agora, porque todos os outros recursos habituais lhe estão vedados”<sup>63</sup>, escreve Léon Bailby, em *L’Intransigeant*. “Aqueles que demonstram uma indignação tão justificada, diante da possível publicação desses documentos incriminadores, só podem fazer uma coisa: deixar que a autêntica justiça prevaleça. Todas as mães francesas estão do lado da vítima e contra os perseguidores.”

NO FINAL, nem *L’Intransigeant* nem *L’Action Française* publicaram as cartas, apesar de todas as suas ameaças. Em vez disso, passaram o serviço para um indisciplinado estranho, que ficou simplesmente satisfetíssimo de desafiar as regras. Seu nome, Gustave Téry, o fundador, editor e principal repórter de *L’Oeuvre*, um vitriólico semanário que prometia “dizer alto o que todo mundo pensa consigo mesmo”. De fato, *L’Oeuvre* proclamava aquilo que Gustave Téry pensava.

Téry era homem de extremos<sup>64</sup>. Em seus anos de professor, satirizava a Igreja católica e era dreyfustista, um homem que atacava tudo que era sagrado, incluindo a bandeira, a fé e o crucifixo na parede atrás dele, na sala de aula. Dizia de si mesmo que era um dos fundadores da Associação Nacional de Livres Pensadores e, acima de tudo, “apliquei-me ao livre pensamento”. Embora ensinasse, era jornalista do *La Fronde*, jornal feminista de Marguerite Durand.

Mas os relacionamentos de Téry, na academia e no jornalismo, tornaram-se azedos. Decidiu que, em *La Fronde*, ele não era “nada além de um acessório sem importância de uma mulher de talento” e então acusou Durand de tramar contra ele. Uma campanha que lançou em outro jornal, *Le Matin*, provocou um raro processo e parece ter causado sua demissão da universidade.

Em 1909, ele fundou *L'Oeuvre* e o utilizou como plataforma para seus novos pontos de vista que, como os de Léon Daudet, haviam sofrido uma reviravolta radical para a direita. Anticongregacionista, ele agora defendia o dogma católico e acusava o *establishment* do ensino de destruir o patriotismo. Agora, era malevolamente anti-semita e usava as capas de *L'Oeuvre* para alertar contra “o inimigo judeu”: “Como os judeus nos arruinam, foi uma das manchetes. “Se a guerra irromper, os judeus nos trairão”, outra. No caso Curie-Langevin, Téry viu uma oportunidade para desacreditar a academia que o rejeitara e que ele agora caracterizava como “a Sorbonne germânico-judaica.”

Na quinta-feira, 23 de novembro, o semanário de Gustave Téry, que tinha o tamanho de um panfleto, incluiu dez páginas da correspondência entre Marie Curie e Paul Langevin. Ele alegou que não estava, de fato, publicando correspondência particular, mas sim o texto das acusações que Madame Langevin fizera contra seu marido e a amante dele. “Assim, não cometemos... qualquer indiscrição”, escreveu Téry, “a não ser que seja a de tornar conhecido do público, alguns dias antes, o documento legal!”

O que *L'Oeuvre* publicou foram trechos das cartas que Marie Curie e Paul Langevin haviam escrito um para o outro, no verão de 1910. Era breves trocas de palavras, com expressões de ternura e referências à “nossa casa”. Todas foram escritas usando a fórmula familiar, tu, e deixaram poucas dúvidas de que Marie Curie e Paul Langevin estavam tendo um caso. A maior parte das dez páginas, porém, era ocupada pela carta extremamente longa que Marie Curie escrevera a Paul Langevin durante suas férias em L'Arcouët, naquele verão, na qual ela explicava os passos que ele deveria dar para se livrar do seu casamento infeliz.

Mais tarde, quando Jacques Curie leu essas cartas, escreveu para garantir a Marie que seus escritos eram “muito bonitos e muito notáveis... elaborados com o grande espírito científico; e os conselhos que você lhe dá, neles, são os mais precisos, o mais exatos que poderia dar, para ajudar a livrar a pessoa a quem foram dirigidos... Do ponto de vista moral absoluto, só pode estar orgulhosa do que escreveu”<sup>65</sup>.

Mas o público francês não partilhava da mesma visão de Jacques sobre a moral. E, com a publicação das cartas, a campanha entrou em nova fase, mais malévola. Antes, o foco era a necessidade de apoiar uma mãe francesa indefesa. Agora, transformou-se em ataque xenofóbico à outra mulher, a “mulher estrangeira”, que destruiu “um lar francês”. A história Curie-Langevin, tal como foi encarada por Gustave Téry, era o caso Dreyfus sob nova forma. “Não mais divide duas Franças, mas mostra... A França nas garras do grupo de sujeitos estrangeiros que a saqueiam, aviltam e desonram.”<sup>66</sup>

Eles fizeram tudo para nos intimidar. Primeiro, foi a respeitabilidade da Sorbonne, o bom nome da ciência francesa... agora, em todas as ocasiões, dizem: “A França somos nós”. E dizem com tal impudência fria que se hesita um instante, antes de rir na cara deles.

Ao ver que os “jornalistas independentes” não estavam intimidados, as supostas autoridades cobraram galanteria. E, não funcionando isso, “Israel mobilizou todos os seus levitas, seus assassinos a soldo e seus grupos de pressão. Eles multiplicaram os apelos, as visitas: ‘Se você falar, será um grosseirão, um patife!... eu disse a mim mesmo: ‘O que será que os leva a protestar tanto? Qual é a verdade de que eles têm tanto medo?’”

Agora que Téry descobriu a verdade, não a esconderá, mas sim “a gritará bem alto.”

A verdade é que, deliberada, metódica, cientificamente, Mme. Curie se empenhou, por meio dos mais pífidos conselhos, por meio das mais vis sugestões, em afastar Paul Langevin de sua esposa e esta de seus filhos. Tudo isso é reconhecido com cinismo, ou revelado inconscientemente nas cartas.

Em círculos científicos, informa Téry maliciosamente, Paul Langevin está sendo chamado o “*Chopin de la Polonaise*”<sup>67</sup>.

Foi o tom frio e desapassionado da carta de Marie Curie que provocou as maiores críticas. Muita coisa se perdoaria às mulheres, quando dominadas pela paixão<sup>68</sup>. Mas, nessa carta, segundo *L'Action Française*, “o que é chocante para as pessoas do nosso país é a ausência dos rogos sinceros, sempre desculpáveis. Existe apenas o frio raciocínio.”

Essa mulher estrangeira, que instiga um pai de família hesitante a destruir seu lar, alega que fala em nome da razão, em nome de uma Vida moralmente superior, de um Ideal transcendente, sob o qual ela esconde seu monstruoso egoísmo. Do alto, decide o destino dessas pobres pessoas: do marido, da esposa, dos filhos... E aplica sua sutileza de cientista na indicação dos engenhosos meios pelos quais se pode torturar essa simples esposa, para deixá-la desesperada e forçar a ruptura.<sup>69</sup>

Ainda mais alarmante do que essa racionalidade “pouco feminina” é a moral do “direito à felicidade”<sup>70</sup>, do direito “a viver a vida de cada um”, que se esconde por trás dela. Segundo Gustave Téry, Marie Curie, na verdade, defende uma “moral científica... utilitária, ibseniana e nietzschiana”<sup>71</sup>. Ela não é suficientemente corajosa para dizer isso, mas zomba das tradições francesas. Ela é “uma mulher estrangeira, uma intelectual, emancipada.”

Previsivelmente, Tery lembrou seus leitores de que Marie Curie tivera a audácia de procurar entrar na Academia de Ciências. “Estranha a ambigüidade dessas mulheres que, em todas as oportunidades, proclamam princípios feministas! Quando se trata de arrombar uma porta, obter uma vantagem, uma colocação, um título, uma cadeira no Instituto, elas não admitem qualquer diferenciação entre os sexos.” Mas, quando as coisas vão mal, essas mesmas mulheres recorrem a apelos à “galanteria francesa”.

Os extremistas de direita que atacavam Marie Curie eram uma barulhenta minoria, que só parecia dominar a sociedade de Paris. Havia também poderosas forças contrapostas, do pacifismo e do internacionalismo, que tentavam a ser simpáticas. *Gil Blas*, jornal da esquerda, com um passado libertino, logo defendeu Marie Curie. E o socialista *L’Humanité* fez uma das poucas observações humanas sobre todo o caso, comentando que “temos paixões dentro de nós”<sup>72</sup>. fortes demais para serem vencidas. “Há sempre vítimas nessas crises”, observou *L’Humanité*, “mas será... que alivia o sofrimento de um degradar e inflingir dor ao outro?”

Mas essa simpatia por Marie Curie foi rara. E o silêncio da imprensa moderada, acoplado com o estardalhaço da direita, refletiu a atmosfera social e política de 1911, um período não apenas de crescente conservadorismo e xenofobia, mas também de desconforto cada vez maior, diante dos costumes sexuais em mutação.

Em 1910, as eleições nacionais haviam resultado numa acentuada virada para a direita, na Câmara de Deputados francesa. E, em 1911, a situação internacional, “que jamais passara de um aspecto de menor importância da história da Terceira República”<sup>73</sup>, reivindicou o centro do palco. Durante algum tempo, houvera atrito entre Alemanha e França, por causa de direitos territoriais no Marrocos. Em julho de 1911, uma coluna francesa recebeu ordens de marchar para Fez, a fim de “impor respeito”<sup>74</sup>. O estado de espírito em Paris, naquele período, começava a se parecer com o que precedera a guerra franco-prussiana. No final de junho, as velhas e não cicatrizadas feridas daquela guerra foram revividas, numa manifestação no Quartier Latin, onde soaram gritos de “Vive l’Alsace, Vive la Lorraine”. Quatro de novembro de 1911, o dia mesmo em que irrompeu a história Currie-Langevin, é a data que um historiador acredita marcar “o nascimento do nacionalismo, como sentimento disseminado, chauvinista”<sup>75</sup>. Naquele dia, foi assinado um tratado franco-alemão referente ao Marrocos, Congo e Camarões, que o público francês considerou uma capitulação à Alemanha. Daquele momento em diante, os jornais franceses da esquerda e da direita competiram uns com os outros em suas exibições de patriotismo, e muitos achavam que estava ini-

nente a guerra com a Alemanha. Esta foi a atmosfera na qual *L’Oeuvre* e *L’Action* partiram para atacar a “mulher estrangeira”.

A condição de “estrangeira” de Marie Curie, porém, não era nem de longe tão ameaçadora quanto seu sexo. O caso Langevin-Curie coincidiu com o período, na França, no qual as feministas se tornaram mais enfáticas, na defesa dos seus direitos. Quando se tratava dos direitos das mulheres, na França, como comentou certa vez, ironicamente, Hubertine Auclert, “revolucionários e reacionários, crentes e ateus”<sup>76</sup> uniam-se todos, na oposição. Mas, no início de 1908, com o Congrès Nationale des Droits Civils et du Suffrage des Femmes, as vozes esparças que há muito pediam o voto elevaram-se num coro. Em 1909, formou-se uma liga sufragista nacional. E, em 1910, tanto Marguerite Durand como Hubertine Auclert tentaram, sem sucesso, candidatar-se a um cargo público. Embora as sufragistas francesas ainda estivessem muito atrás de suas irmãs mais militantes da Inglaterra, não há como negar o fato de que eram mais ameaçadoras para o *status quo* em 1911 do que jamais haviam sido. E, embora Marie Curie talvez não chamasse a si mesma de “feminista”, os jornais da direita o fizeram, e trataram-na como tal.

Os críticos conservadores, em particular, achavam que a origem de todos os problemas da França e, mais particularmente, sua percebida fraqueza diante da Alemanha, poderia ser encontrada na emancipação das mulheres e nas mudanças que se seguiram, em sua esteira. A modificação nas relações entre os sexos – a desvilitização dos homens e a nova força das mulheres – eram vistos como sintomas de declínio nacional. “Muitas das preocupações políticas mais prementes da França”, comentou Berenson, “... eram regularmente expressas como aspectos de uma guerra intensificada entre os sexos”<sup>77</sup>. Considerou-se que a aprovação da lei Naquet, em 1884, restabelecendo o direito ao divórcio, enfraquecia a família e, portanto, a nação. “Repetidas vezes, nesses primeiros anos do novo século”, comentou Berenson, “jornalistas da direita identificaram o destino da nação com o destino da família”.

As preocupações com a família prevaleciam especialmente porque a França, ao contrário de quase todas as outras nações industrializadas, estava num período de estagnação populacional. A taxa de natalidade, que caía continuamente, em pouco excedendo a taxa da mortalidade, era motivo de grande preocupação: oitenta e dois livros sobre o assunto foram publicados entre 1890 e 1914. E particularmente na direita, uma das razões apresentadas para a queda do índice de natalidade era um declínio geral da moral e um desejo, da parte tanto dos homens quanto das mulheres, de colocar a felicidade acima do dever.

Diante dessas preocupações e preconceitos, seria difícil imaginar uma carta com maior probabilidade de ofender do que a longa missiva escrita por Marie Curie a Paul Langevin, no verão de 1910. Antes de mais nada, uma mulher respeitável não deveria apreciar sexo nem muito menos falar dele. E ali estava Marie Curie dando conselhos sobre o leito conjugal e revelando, pouco abaixo da superfície, sua própria paixão por Paul Langevin. Além disso, a substância do seu conselho era de que Paul Langevin deveria parar com os favores sexuais à sua esposa – assim negando à França a descendência necessária para sua ressurreição na luta contra a Alemanha. Finalmente, ela se acumpliciava na destruição da mais sagrada e ameaçada das instituições, a família francesa. Sua carta e seu comportamento equivaliam, nesse quadro, a traição. Tudo isso ajuda a explicar (se não a desculpar) a reação imediata e ultrajada do público francês à publicação das cartas pelo *L'Oeuvre*.

QUASE NENHUMA evidência sobrevive da reação da própria Marie Curie aos tumultuosos eventos de 1911; se havia cartas, ou diários, eles foram provavelmente destruídos<sup>78</sup>. Além da declaração e da carta publicada no jornal, não existe nenhum documento com as palavras da própria Marie Curie sobre o caso e, sem dúvida, nada que revele seus pensamentos e sentimentos íntimos. Apenas relatos de seus amigos, escritos mais tarde, para preencher as lacunas, proporcionam algumas rápidas visões do que ela suportou. E, entre estes, aquele que nos leva para mais perto de Marie Curie é o relato que Marguerite Borel escreveu, mais de cinquenta anos depois, sobre os dias tumultuosos após a publicação das cartas.

Marguerite Borel conta a história com seu fardo de romancista para o dramático<sup>79</sup>. Ela é inexata, algumas vezes, e há, sem dúvida, floreios. Além disso, em todas as suas histórias, ela se coloca num papel heróico. Mas, sendo romancista, ela fornece os detalhes. Sua vivida rememoração permite uma visão rápida de como Marie Curie e suas filhas viveram esses dias difíceis.

Na manhã em que *L'Oeuvre* publicou as cartas, segundo Marguerite Borel, ela recebe uma visita, em seu apartamento na École Normale Supérieure, de Jean Perrin e André Debierne. Eles lhe dizem que estão alarmados por causa de Marie Curie, virtualmente prisioneira em sua casa em Sceaux. Uma multidão reuniu-se do lado de fora de sua casa e grita: “Abaixo a estrangeira, ladra de marido”. Marguerite Borel, que passara a manhã na cama, veste-se rapidamente e manda buscar seu marido.

Émile Borel, quando ouve a notícia, “treme de indignação” e anuncia que eles oferecerão a Madame Curie o quarto vago em seu apartamento na École Normale, onde ela e suas filhas ficarão protegidas dos insultos. Marguerite, juntamente com André Debierne, é despachada a Sceaux para libertar Marie e trazê-la para o apartamento dos Borel em Paris. “Em Sceaux”, lembra Borel, “passo diante de alguns grupos de curiosos”, do lado de fora da casa. “Madame Curie deixa-se convencer, segue-nos, segurando Eve pela mão.” A caminho da casa dos Borel, ela fica “sentada, petrificada, branca como uma estátua”. Silenciosamente, e “com dignidade”, atravessa o pátio e entra no apartamento dos Borel.

Irène, enquanto isso, está numa aula de ginástica, com sua amiga Isabelle Chavannes, que vê por casualidade um exemplar de *L'Oeuvre*, caído na sala. Dando uma olhada nos nomes de Langevin e Curie, com letras grandes, ela chama sua amiga: “Irène, escreveram sobre sua mãe!” Depois, vendo o conteúdo da matéria, tenta escondê-la de Irène. Mas Irène a lê e fica extremamente perturbada. André Debierne chega e a leva de volta até a rue d’Ulm, para se unir à sua mãe.

“Na rue d’Ulm”, segundo o relato de Borel, Irène “gruda-se à sua mãe, pela qual sente adoração tão grande”. Nem mãe nem filha choram, mas Marie acarícia o cabelo de sua filha. Quando amigos tentam levar Irène embora para a casa de uma amiga, ela se mostra inflexível: “Não posso deixar Me”, insiste. Mas, afinal, sua mãe a convence a ir para a casa dos Perrin, para a companhia de sua amiga Aline. Eve fica com sua mãe.

Muito depressa, os Borel sabem que as cartas publicadas no *L'Oeuvre* fizeram até seus amigos e colegas se voltarem contra Marie Curie. O telefone toca constantemente e “eles todos dizem”:

Quem acreditaria numa coisa dessas? Não podemos apoiá-la. Será terrível parar de vê-la. No entanto... Ela está tão comprometida... Você leu?

Marguerite Borel, que foi “designada” para atender ao telefone, insiste com todos que se trata de uma “sórdida intrigã” e lhes informa que Madame Curie “está aqui, conosco, e nós a apoiamos”. Quem telefona fica incrédulo. “Na École Normale? ... Vocês estão loucos?”

Na hora do almoço, Marie Curie come em seu quarto, com Eve, “que não entende muita coisa desse tumulto, a não ser que mudaram de casas, que Me está triste, um pouco doente, e que precisa ser acarinhada”. No andar de baixo, a refeição do meio-dia é interrompida quando Émile Borel recebe um telefonema do ministro da Instrução Pública, solicitando um encontro. O

ministro repreende Borel por usar seu apartamento, que é uma extensão da École Normale, para abrigar alguém que é uma desonra para a escola. Ameaça Borel com um rebaixamento. Borel recusa romper o compromisso.

Logo depois, Marguerite Borel é chamada ao apartamento do seu pai, Paul Appell, decano da Faculdade de Ciências da Sorbonne, para uma repreensão. “Seus olhos cinzentos chamejam”, conta Marguerite Borel, “como sempre acontece em seus acessos de raiva, raros, mas violentos”. Appell soube pelo diretor da École Normale e também pelo diretor da antiga escola de Pierre, a École de Physique et Chimie, que Marguerite e seu marido estão com Marie Curie em casa. “Por que se envolver com esse caso, que não lhe diz respeito?”, pergunta Appell à sua filha. “O escândalo deixa uma mancha de óleo.” Marguerite Borel fica firme. Ela argumenta que Marie Curie foi caluniada.

A reação de Appell revela que ele e outros, que estão no poder, já pensam numa solução: Marie Curie deveria ser solicitada a deixar a França. “O Conselho de Ministros vai falar sobre o assunto esta noite”, diz ele. Ele planeja chamar Marie Curie a seu escritório, para “explicar tudo a ela, gentilmente”. Segue-se uma discussão. Marguerite lembra a seu pai que ele, no passado, já resistiu a mexericos, e ele se contrapõe, dizendo que é “responsável pela ordem na faculdade”. Marie Curie, comenta ele, “terá uma cátedra e um laboratório na Polónia. Ela pode sair sem pressa... A situação dela é impossível em Paris... Fiz tudo por ela, patrocinei sua candidatura à Academia. Mas não posso conter o mar que a está afogando...”

Marguerite Borel, que “jamais tivera uma discussão” com seu pai, está trêmula: “Se você ceder a esse movimento nacionalista idiota, se insistir que Madame Curie saia da França... juro-lhe que nunca mais o verei, em toda a minha vida. Porque... isso não é você”. Seu pai, que calçava os sapatos, fica tão enraivecido que atira um deles contra a porta do seu escritório. Embora insista que ela se arrisca a um desastre e que Marie Curie será “varrida, e você com ela”, concorda em contemporalizar.

Marguerite Borel, que considerava o ataque a Marie Curie um produto da “xenofobia, inveja e reflexos antifeministas”, continua com sua defesa. Diz à esposa de um ministro influente que a universidade é “uma velha hipócrita” e faz vista grossa quando os infratores são franceses e homens. Lentamente, alguns dos que estavam de início relutantes são aproximados por Marguerite Borel e por outros aliados, incluindo a boa amiga de Marie, Henriette Perrin. O matemático Paul Painlevé faz um discurso, na Associação de Estudantes, sobre a “influência moral e intelectual da mulher”, no qual compara Marie Curie às heroínas da Antiguidade clássica. As pessoas visitam Marie Curie, no quarto do segundo andar onde ela passa seus dias, cuidando “minuciosa-

mente” de Eve. Alguns trazem flores e doces para Eve. Outros vêm, freqüentemente, para as refeições do meio-dia. “Durante esse período”, escreve Marguerite Borel, “não sabíamos quantos de nós estariam à mesa de almoço nem quem seriam nossos companheiros. A mesa era constantemente ampliada, com o acréscimo de extensões”. Poloneses, inclusive Ignacy Paderewski, vi-nham prestar suas homenagens. E Józef e Bronia chegam da Polónia, para apoiar sua irmã.

Józef e Bronia, compreensivelmente ultrajados pela maneira com a irmã foi tratada, tentam convencê-la a voltar para a Polónia. Mas ela, segundo Marguerite Borel, permanece inflexível. “Sou francesa”, diz. “Minhas filhas também. Como Pierre. Ficarei aqui e continuarei, se me permitirem, se não, irei encontrá-los.”

Pouco depois que as cartas foram publicadas, Paul Langevin, ainda morando separado de Jeanne Langevin, aparecera em casa dos Borel, “pálido” e usando “uma sobrecasaca abotoada”. Anunciou aos Borel, sem ser ouvido por Marie, que “decidira desafiar Téry para um duelo”. Acrescentou: “É idiota, mas preciso fazer isso.”

A razão imediata pela qual Langevin decidiu que deveria lutar foi o insulto contundente de Téry, no artigo que acompanhava as cartas, no *L'Oeuvre*. Téry escrevera, em sua diátribe dirigida a Marie Curie, que “Há um... homem com quem podemos falar, para acabar com essa farsa jesuítica; a senhora não conseguirá esconder esse homem em suas saias: ele se chama Paul Langevin”<sup>80</sup>. Um homem que permite “que a mulher que leva seu nome, a mulher que continua sendo a mãe de seus quatro filhos, seja arrastada na lama por todos os seus amigos, esse homem, mesmo que continue professor do Collège de France, não passa de um grosseirão e de um covarde”. No código que governava o comportamento da classe média, na França da Belle Époque, essas palavras só poderiam ser entendidas como um desafio para um duelo.

Embora o ato de duelar seja, freqüentemente, associado a períodos anteriores, mais duelos foram travados na França durante os anos que se seguiram à derrota franco-prussiana do que em qualquer período desde o século XVII. O ressurgimento parece ter tido muitas causas, inclusive a preocupação com a “virilidade” da França, depois da humilhante derrota. “Duelar tornou-se o emblema de um renascimento masculino”, comentou Edward Berenson, “destinado a restabelecer a vontade nacional, por meio de um novo espírito de combate”<sup>81</sup>. Como observou o sociólogo Gabriel Tarde, os duelos resultavam do choque entre a obsessão da Belle Époque com a opinião dos outros e uma nova imprensa popular ascendente, que ele chamou de “uma máquina a vapor para a fabricação e a destruição de reputações, em imensa escala”<sup>82</sup>.

Num tempo de crescente democratização, quem pertencia à aristocracia não se sentia mais seguro de que o nascimento garantisse *status*, e eles poderiam duelar, para proteger suas reputações. Não-aristocratas encaravam o duelo como uma maneira de subir pela escada social. Um deputado esquerdista notou que “a maneira mais fácil de parecer ter sangue de boa linhagem... é colocar em risco o próprio sangue”. E, finalmente, desde que havia tão poucos recursos nos tribunais para os que se sentiam desonrados, o duelo era uma maneira de reparar uma ofensa.

Por todos esses motivos, houve centenas de duelos em Paris, entre o fim da guerra prussiana e o início da Primeira Guerra Mundial. Parece que os jornalistas foram os mais freqüentes combatentes, mas escritores como Marcel Proust e Guy de Maupassant também duelaram. Políticos e estadistas idem: Georges Clemenceau travou vinte e dois duelos. E um manual de 1906, intitulado *As leis do duelo*, escrito por Emile Bruneau de Laborie, teve grande massa de leitores.

O ritual masculino do duelo era sempre o mesmo. A parte ofendida procurava dois amigos, “assistentes”, para apoiar sua causa. Eles faziam uma visita à parte ofensiva, informando-lhe que estava sendo desafiado. A hora e o local eram combinados, e escolhida a arma do combate — espada ou pistola. No dia do duelo, os combatentes ficavam a vinte e cinco metros de distância e faziam pontaria um para o outro com suas pistolas, ou lutavam corpo a corpo, com espadas.

Fosse qual fosse a arma, os duelos não eram nem de longe tão perigosos quanto pareciam. Corria uma piada em Paris sobre a esposa de um jornalista que não conseguia encontrar seu marido e ficou preocupada com ele até saber que viajara para o campo, a fim de travar um duelo. “Graças a Deus!”<sup>83</sup>, exclamou ela. “Então, está seguro.” Isto é um leve exagero: alguns morreram em duelos e outros ficaram seriamente feridos. Mas, em geral, as exigências rituais do duelo eram satisfeitas, se o sangue corresse. Quando isto acontecia, todos, inclusive os médicos que atendiam os combatentes, podiam ir para casa.

O que é bastante surpreendente, o caso Curie provocou não apenas um, mas pelo menos cinco duelos. Três deles envolveram jornalistas do *Gil Blas*, um defensor de Marie Curie e seus dois detratores mais virulentos, Léon Daudet e Gustave Téry. Num deles, travado no dia seguinte à publicação das cartas, Pierre Mortier, do *Gil Blas*, foi ferido por Gustave Téry, no biceps e no antebraço. Em seguida, Mortier recebeu uma carta de condolências de Marie Curie e respondeu dizendo que Gustave Téry comportara-se como um “patife”<sup>84</sup> e que ele “estava feliz por dizer-lhe isso”. O duelo que, de longe, mais

chamou a atenção, porém, ocorreu três dias depois da publicação das cartas, em 26 de novembro, entre Téry e Paul Langevin.

Segundo Marguerite Borel, que percorreu Paris com ele numa carruagem, à procura, Paul Langevin teve muita dificuldade para conseguir assistentes.<sup>85</sup> O diretor da *École de Physique et Chimie* manifestou simpatia mas recusou, como fizeram vários outros. Finalmente, foram visitar Paul Painlevé, que concordou. Com o endosso de Painlevé, Langevin pôde convencer o diretor a concordar também. Feito isto, Marguerite Borel e Paul Langevin almoçaram juntos num bistrô de operários e depois foram a Gastinne-Reynette, o conhecido fornecedor de armas de fogo para os parisienses que duellavam. Ali, o físico fez um teste de sua habilidade, descarregando uma pistola nos alvos da loja.

O encontro combinado por Paul Langevin e Gustave Téry com seus assistentes e médicos foi às onze da manhã de 26 de novembro, no Bois de Vincennes, o grande parque a leste de Paris. Alguns fotógrafos e repórteres também estavam lá e embora as regras do duelo os mantivessem à distância, estavam perto o bastante para ver e relatar o que aconteceu.

Naquele mesmo dia, *Le Petit Journal* e *L'Intransigeant* deram relatos detalhados para seus leitores. Paul Langevin chega primeiro. “Puxando nervosamente o bigode”<sup>86</sup>, ele caminha de um lado para outro, com seus auxiliares a seu lado. Langevin é “alto, magro”, e usa um chapéu mole. “Um bigode negro cruza seu rosto abatido.” Já uma *échappe* preta em torno do pescoço esconde a brancura do seu falso colarinho. Alguns minutos mais tarde, aparece um segundo grupo. Gustave Téry também usa chapéu mole e um sobretudo com a gola virada para cima, para se proteger da umidade do mês de novembro.

Os assistentes demarcam o campo de combate, contando os vinte e cinco metros que separam os combatentes. Depois, carregam as pistolas. Paul Painlevé entrega a Langevin uma pistola. Urban Gobier, o jornalista que é um dos assistentes de Téry, faz a mesma coisa com ele. Painlevé foi escolhido por sorteio para dirigir o combate. Ele informa as regras aos adversários. Depois, com uma voz alta, “que penetra o nevoeiro”, ele grita: “Estão prontos?” Conta, rapidamente, “um, dois, três”. E, depois, “fogo!” Langevin ergue o braço até meia altura, como se fosse disparar sua arma. Mas Gustave Téry mantém o cano de sua pistola apontado para o chão. Langevin, vendo que Téry não planeja disparar, também abaixa sua pistola.

Há um longo silêncio, seguido por uma reunião dos assistentes para discutir a situação. A tensão diminui, quando se torna claro que o “duelo” terminou sem que um só tiro fosse disparado. Uma declaração é assinada por

ambos os combatentes. Urbain Gohier pega as pistolas e as dispara para o ar, proporcionando aos fotógrafos uma oportunidade de registrar um acontecimento que não aconteceu.

Depois, em *L'Oeuvre*, Gustave Téry deu, com seu habitual estilo empolado, uma explicação para seu comportamento:

Não tenho nenhuma animosidade pessoal contra meu ex-colega e camarada da École Normale, Paul Langevin... além disso, a defesa de Mme. Langevin não me obriga a matar seu marido. Este foi, muito simplesmente, o motivo, o fato de eu não ter sede de sangue. Não senti que fosse meu dever, na manhã de ontem, usar a arma de fogo que colocaram, de forma um tanto imprudente, em minhas mãos. Acrescento, embora isto seja secundário, que Paul Langevin tem reputação como cientista... por mais graves que tenham sido os erros cometidos por Langevin em sua vida doméstica, obviamente senti escrupulos em privar a ciência francesa de um cérebro precioso... Vocês me dizem que... seria suficiente simplesmente disparar. Mas, o que sabem do assunto? Sou tão desajeitado que poderia muito bem tê-lo morto. Admito que não seria capaz de perdoar a mim mesmo porque, segundo minha maneira de pensar, nesta aventura a vítima mais digna de piedade, depois de Mme. Langevin, é seu marido.<sup>87</sup>

Não fica claro quando, e em que medida, Marie Curie foi informada do duelo de Paul Langevin. Marguerite Borel declara que o fato foi escondido dela. Mas, como ela soube do duelo de Téry com Pierre Moritier, vários dias antes, parece provável que também soubesse do duelo de Paul Langevin. Sem dúvida, era o assunto mais falado de Paris. Na verdade, a notícia do duelo chegou até a comissão do Nobel, na Suécia. E foi isso, juntamente com a publicação das cartas, que levou a uma das humilhações mais cruéis entre todas as que ela sofreria.

Em 22 de novembro, no dia anterior à publicação das cartas, Marie Curie escreveu para Svante Arrhenius, o membro da Academia que, tão entusiasticamente, advogara sua candidatura para o Nobel, a fim de discutir a “questão delicada”<sup>88</sup> dos “ataques da família de M. Langevin”. Ela explicou que gostaria de ir pessoalmente agradecer à Academia “a imensa honra”. Mas temia que a cerimônia pudesse ser “desagradavelmente perturbada pelos boatos do escândalo da imprensa, que estão tentando agitar”. Ela lhe pediu para lhe dizer “se acha que devo ir, ou se seria melhor que me mantivesse afastada”.

A resposta de Arrhenius foi tranquilizadora. Ele lhe disse que a “chicana” e as “mentiras”<sup>89</sup> da imprensa francesa eram bem conhecidas, mas nin-

guém acreditava nelas. Garantiu-lhe que a imprensa estaria livre de qualquer menção ao caso Langevin, durante sua visita, quando ela seria considerada “convidada da nação”. Arrhenius prosseguiu respondendo às perguntas dela sobre a palestra que faria.

Porém, seis dias depois, em seguida à publicação das cartas e ao duelo de Langevin, outra carta, muito diferente, chegou da parte de Arrhenius. Ele escrevia outra vez, como explicou, porque as coisas tinham mudado.

Uma carta atribuída à senhora foi publicada num jornal francês e exemplares circularam aqui... Perguntei, portanto, a alguns colegas o que achavam que deveria ser feito, na nova situação, que se agravou consideravelmente com o ridículo duelo de M. Langevin. O duelo dá a impressão, espero que incorreta, de que a correspondência publicada não é falsa. Todos os meus colegas me disseram que é preferível que a senhora não venha até aqui, em 10 de dezembro... Rogo-lhe, portanto, que permaneça na França; ninguém pode ter certeza do que pode acontecer na entrega do prêmio.

Se a Academia tivesse pensado que a carta em questão poderia ser autêntica, com toda probabilidade não lhe daria o prêmio, antes que a senhora desse uma explicação plausível, mostrando que a carta é falsa...

Portanto, espero que a senhora telegrafe para M. Aurivillius [secretário da Academia] ou mesmo para mim, dizendo que é impossível vir... e que escreva uma carta, em seguida, dizendo que não deseja aceitar o prêmio antes que o julgamento de Langevin demonstre que as acusações que lhe foram feitas carecem absolutamente de fundamento.<sup>90</sup>

A dor que essas palavras causaram a Marie Curie emergiu numa carta que ela escreveu, algumas semanas mais tarde, a outro membro da Academia, Gustav Mittag-Leffler. “O senhor sabe”, escreveu ela, “que eu considerava M. Arrhenius um amigo”<sup>91</sup>. Mas, embora considerasse muito “dolorosa” a rejeição de Arrhenius, a resposta que lhe enviou foi desafiadora.

Sugere-me que eu desista de aceitar o Prêmio Nobel que acaba de me ser concedido, e dá a explicação de que a Academia de Estocolmo, caso fosse avisada com antecedência, provavelmente decidiria não me dar o prêmio, a menos que eu pudesse explicar publicamente os ataques de que fui objeto. Se esse fosse o sentimento geral da Academia, eu ficaria profundamente desapontada. Mas não acredito que caiba a mim conjecturar sobre as intenções e opiniões da Academia. Devo, portanto, agir de acordo com minhas próprias convicções.

A ação que me aconselha me parece que seria um grave erro de minha parte. De fato, o prêmio foi concedido pela descoberta do rádio e do polônio. Acredito que não existe ligação alguma entre meu trabalho científico e os fatos da minha vida particular... Não posso aceitar a idéia, em princípio, de que a apreciação do valor de trabalho científico deva ser influenciada pela difamação e pela calúnia referentes à vida particular. Estou convencida de que esta opinião é partilhada por muitas pessoas. Estou muito triste com o fato de que o senhor mesmo não pense assim.<sup>92</sup>

Marie Curie informou a Arrhenius que, ao receber sua carta, ela já enviara um telegrama anunciando que estaria em Estocolmo para as cerimônias. “Escrevi-lhe, anteriormente, dizendo que estava disposta a seguir seu conselho sobre o assunto mas, desde então, recebi uma opinião contrária.” Ela acrescentou, porém, que estava “tão cansada e tão doente, que sequer sei se será possível para mim fazer a viagem.”

Claramente, Marie Curie não estava de forma alguma com a disposição de aceder à exigência de Arrhenius, no sentido de que ela renunciasse ao prêmio, até o julgamento de Langevin limpar seu nome. Mas, de qualquer forma, como ela lhe explicou, isto não seria mais possível. Embora ela acreditasse, e seu advogado também, que um julgamento “seria a melhor maneira para eu me defender”, Paul Langevin e sua esposa haviam decidido chegar a um acordo fora do tribunal. Não haveria, afinal, tribunal de divórcio nem julgamento criminal. “Considero”, disse ela a Arrhenius, “que não tenho nada a me reprovar, a menos que seja o fato de negligenciar meu interesse próprio, nessa situação.”

Segundo Jean Perrin, Marie Curie “manifestou *muito claramente* seu desejo de permitir que o caso fosse a julgamento”<sup>93</sup>. E seu advogado, Alexandre Millerand, deu-lhe “enérgicos conselhos no mesmo sentido”. Mas Langevin, “temendo que novos problemas surgissem com a publicação dos procedimentos e sentindo uma profunda repugnância de expor as misérias de sua vida doméstica e de *tomar partido publicamente contra a mãe dos seus filhos*, decidiu aceitar o acordo que foi proposto”. Perrin aconselhara-o a aceitar o acordo, mas não tinha certeza de estar com razão, “particularmente em vista dos interesses de Madame Curie”.

Previsivelmente, a imprensa de direita saudou a notícia do acordo como uma grande vitória para a maternidade francesa. Maurice Pujol escreveu, em *L'Action Française*, que “só o escândalo destruíra as insolentes pretensões exibidas nas cartas da mulher Estrangeira... Assim, podemos estar legitimamen-

te orgulhosos do resultado. Não é em vão que resistimos à hipocrisia judaica...; não é em vão que vários entre nós foram, por causa disso, até o campo de batalha, já que assim se chegou ao triunfo dos direitos de uma mulher oprimida. Quanto aos nossos adversários, quanto à Sorbonne, com seus mestres e judeus, a derrota que experimentaram, apesar de todo o poder oficial, ensinou-lhes que não se obtém sucesso fácil quando se ataca... este rochedo ainda sólido: os costumes franceses.”<sup>94</sup>

Em 10 e 11 de dezembro, apesar da má saúde, Marie Curie assistiu às cerimônias do Nobel, em Estocolmo, acompanhada por sua irmã Bronia e sua filha, Irène. Apesar dos temores de alguns membros da Academia de Ciências da Suécia, de que fosse embaraçoso para Madame Curie “receber o prêmio pessoalmente, das mãos do rei Gustaf”<sup>95</sup>, ela se comportou com sua habitual dignidade e não houve momentos constrangedores. Ao contrário, o ordálio que ela suportara parece que a tornou mais afirmativa, em seus comentários formais, e mais expressiva, nos informais. Ao agradecer a Mittag-Leffler num jantar particular, ela falou de Pierre, de sua “veneração por aquela bela vida, de trabalho desinteressado”, e do orgulho que sentia “por mim mesma e por minha filha que está aqui comigo”<sup>96</sup>, ao ouvi-lo elogiado. No banquete com o rei Gustaf, ela falou orgulhosamente do seu próprio trabalho. “A radioatividade é uma ciência muito nova”<sup>97</sup>, disse ela, perante o grupo de convidados. “É um bebê que vi nascer, e que contribui para criar, com toda a minha força. A criança cresceu; tornou-se bela... Não se poderia desejar para ela uma bênção mais perfeita do que a concedida pela Academia Sueca, os três prêmios Nobel, um em física e dois em química, aos quatro nomes de Henri Becquerel, Pierre Curie, Marie Curie e Ernest Rutherford.”

O discurso formal do Nobel feito por Marie Curie<sup>98</sup>, como suas falas informais, fez repetidas menções aos outros cientistas, incluindo não apenas Pierre Curie, mas também Rutherford, Soddy, Ramsay e Debiere. Mas, ao mesmo tempo, ela reivindicou, ao recapitular a história de quinze anos da radioatividade, o trabalho que pertencia apenas a ela. Muito mais do que o habitual, empregou a primeira pessoa. “A história da descoberta e do isolamento dessa substância”, disse ela à Academia, “forneceu provas da hipótese que formulei, segundo a qual a *radioatividade é uma propriedade atômica da matéria e pode proporcionar um método para a descoberta de novos elementos*.” E “o isolamento do rádio como sal puro... foi empreendido por mim, *sozinha*.” Muitos dos seus parágrafos começavam por *Je*. “Eu determinei várias vezes, o peso atômico”, e “Eu medi”, “Eu pensei”, “Eu pensei, ademais”. Que ninguém alegasse, era o que o discurso implicava, que Marie Curie era um simples apêndice de homens talentosos.

Se o escândalo tornou Marie Curie mais afirmativa, também deixou nela uma marca indelével. Mesmo antes de ir para Estocolmo, seus amigos estavam preocupados com sua saúde. Quando voltou, sua condição piorou, até que, em 29 de dezembro, teve de ser levada às pressas para um hospital. Durante os próximos dois anos, ela sofreu os efeitos de uma séria e complicada doença renal, sem dúvida exacerbada pela dor do escândalo. Não pôde trabalhar. E, de fato, parece que nunca mais, pelo resto de sua vida, sentiu-se de novo forte.

Quando os Langevin chegaram a um acordo, o escândalo terminou. *L'intransigent* esperou “nunca ter de escrever outra palavra sobre este caso, que volta agora ao domínio particular”<sup>99</sup>. Apenas Gustave Téry persistiu, atacando o “egoísmo” e a “moral individualista”<sup>100</sup> da Sorbonne, numa semana, e os “sujeos estrangeiros”<sup>101</sup> e “judeus” dos laboratórios, na semana seguinte. Finalmente, perto do final de dezembro, *L'Oeuvre* anunciou<sup>102</sup> a descoberta de que o nome do meio de Marie Curie era Salomé e perguntou: “Será que Madame Curie é judia?” Embora ela já tivesse negado isso, anteriormente, *L'Oeuvre* alegou ter a prova: “Seu pai é, de fato, um judeu convertido”.

Não muitas pessoas levaram a sério os disparates de Gustave Téry. Apesar disso, Marie Curie jamais pôde eliminar inteiramente a “mancha” do escândalo. Apenas alguns meses antes, em outubro, *Le Figaro* tinha sugerido que as chances de Marie Curie se tornar membro da Academia, na próxima tentativa, eram excelentes. Agora estava claro que jamais haveria uma próxima tentativa. E, entre a burguesia,<sup>103</sup> bem comportada de Paris, a reputação de Marie Curie e de suas filhas jamais pôde ser plenamente restaurada.

O que era mais importante, do ponto de vista de Marie Curie, é que a vida que ela esperara ter com Paul Langevin não seria mais possível. Este sentiu um grande remorso pelo que acontecera com sua amiga. Tentou defendê-la com Arthenius, explicando que Marie Curie estava sendo “crucificada por ter tentado salvar, em nome da amizade... o que ela viu em mim em termos de um futuro científico”<sup>104</sup>. E, quatro anos mais tarde, ele escreveu falando do seu “constante remorso por não ter sido capaz de fazer nada para defendê-la contra as acusações intencionalmente falsas que foram publicadas contra ela”<sup>105</sup>. Talvez por causa da culpa, ou do dinheiro que lhe devia, Langevin deixou uma parte de seus ganhos com uma invenção para as filhas de Marie Curie.

De volta ao verão de 1910, quando trocaram as cartas que lhes trariam tanta dor, Marie escrevera a Paul Langevin que eles estavam “ligados por um profundo afeto, que não devemos permitir que seja destruído”<sup>106</sup>. Ela compareceu a destruição de uma “emoção profunda e sincera”, com a “morte de

um bebê que se acariciou e se viu crescer”, acrescentando que podia ser “um infortúnio ainda maior do que esse, em alguns casos”. Para uma mulher que perdera um bebê, era uma imagem especialmente poderosa, sugerindo com quanta profundidade ela gostava de Paul Langevin. Talvez a consequência mais dura do escândalo fosse o golpe mortal que desferiu na vida satisfatória e amorosa que Marie Curie e Paul Langevin poderiam ter levado juntos.

Sem dúvida, todas as evidências sugerem que o caso amoroso de Marie Curie e Paul Langevin estava terminado. Langevin escreveu, em 1915, que Marie Curie “jamais cessou de me demonstrar afeição e simpatia por minhas dores” e que, por sua parte, ele continuara a manter “relações amistosas com ela” e, na verdade, “não saberia prosseguir” sem seu afeto<sup>107</sup>. Mas, àquela altura, Langevin “procurara alcançar um pouquinho de trégua” com sua esposa, “apenas nos interesses de nossos filhos”. Em 1914, segundo seu filho André, Paul e Jeanne Langevin estavam outra vez juntos<sup>108</sup>. Mais tarde, com a aquiescência dela, Langevin teve outra amante. Mas, agora, escolheu uma mulher do tipo aceitável: ela era uma anônima secretária.